

Cadernos da Comunicação
Série Memória

Um jornalismo sob o signo da política

Agradecemos a colaboração dos jornalistas Élcio Braga, Fernanda Galvão, Luarlindo Ernesto e Villas-Bôas Corrêa; dos historiadores Isabel Lustosa, Israel Beloch, Mário Gryszpan e Marly Silva da Motta; da educadora Zoé Noronha Chagas Freitas, viúva do governador Chagas Freitas; de Luciane Nassif Bayeh, assessora da presidência da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro; de Nana Vaz de Castro, da Editora Nova Fronteira; de Carla Ramos, do arquivo da Biblioteca Nacional; de Vilma Santos de Oliveira, bibliotecária-chefe da Associação Brasileira de Imprensa; e da equipe do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

Rio de Janeiro (RJ) . Secretaria Especial de Comunicação Social .

Um jornalismo sob o signo da política. – Rio de Janeiro :
Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005.

88 p. il. – (Cadernos de Comunicação. Memória; v. 14)

ISSN 1676-5494

1. Imprensa – Brasil – História. 2. Imprensa e política – Brasil .
3. Jornalismo – Aspectos políticos – Brasil. I. Título .

CDD 079.81

Os CADERNOS DA COMUNICAÇÃO são uma
publicação da Secretaria Especial de Comunicação Social
da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Agosto de 2005

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Rua Afonso Cavalcanti 455 – bloco 1 – sala 1.372
Cidade Nova
Rio de Janeiro – RJ
CEP 20211-110
e-mail: cadernos@pcrj.rj.gov.br

A coleção dos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO
pode ser acessada no *site* da Prefeitura/Secretaria Especial
de Comunicação Social: www.rio.rj.gov.br/secs

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura
da Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta
publicação pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou
mecânico) ou arquivada em qualquer sistema ou banco
de dados sem permissão escrita da Prefeitura.

RIO



PREFEITURA

Secretaria Especial de Comunicação Social

Prefeito
Cesar Maia

Secretária Especial de Comunicação Social
Ágata Messina

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO
Série Memória

Comissão Editorial
Ágata Messina
Helena Duque
Leonel Kaz
Regina Stela Braga

Edição
Regina Stela Braga

Redação e pesquisa
Patrícia Melo e Souza

Revisão
Alexandre José de Paula Santos
Álvaro Mendes

Projeto gráfico e diagramação
John Lee Murray

Capa
Carlos Amaral/SEPE
Marco Augusto Macedo

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO

Edições anteriores

Série Memória

- 1 – Correio da Manhã – Compromisso com a verdade
- 2 – Rio de Janeiro: As primeiras reportagens – Relatos do século XVI
- 3 – O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina
- 4 – Mulheres em Revista – O jornalismo feminino no Brasil
- 5 – Brasília – Capital da Controvérsia – A construção, a mudança e a imprensa
- 6 – O Rádio Educativo no Brasil
- 7 – Última Hora – Uma revolução na imprensa brasileira
- 8 – Verão de 1930-31 – Tempo quente nos jornais do Rio
- 9 – Diário Carioca – O máximo de jornal no mínimo de espaço
- 10 – Getúlio Vargas e a Imprensa
- 11 – TV Tupi, a Pioneira na América do Sul
- 12 – Novos Rumos, uma Velha Fórmula – A mudança do perfil do rádio no Brasil
- 13 – Imprensa Alternativa – Apogeu, queda e novos caminhos

Série Estudos

- 1 – Para um Manual de Redação do Jornalismo On-Line
- 2 – Reportagem Policial – Realidade e ficção
- 3 – Fotojornalismo Digital no Brasil – A imagem na imprensa da era pós-fotográfica
- 4 – Jornalismo, Justiça e Verdade
- 5 – Um Olhar Bem-Humorado sobre o Rio nos Anos 20
- 6 – Manual de Radiojornalismo
- 7 – New Journalism – A reportagem como criação literária
- 8 – A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro
- 9 – A Imagem da Notícia – O jornalismo no cinema
- 10 – A Indústria dos Quadrinhos
- 11 – Jornalismo Esportivo – Os craques da emoção
- 12 – Manual de Jornalismo Empresarial
- 13 – Ciência para Todos – A academia vai até o público

Imprensa e política sempre formaram um binômio indissolúvel. Desde o aparecimento da primeira, com o invento de Gutenberg, no século XV, ela foi usada como instrumento fundamental para a divulgação de idéias que fomentavam as transformações sociais. No Brasil, ao contrário de outros países latino-americanos, chegou tarde. Enquanto Colônia, imprimir jornais e livros era proibido em nosso país. Foi somente com a chegada de D. João VI que a imprensa nacional surgiu. E surgiu, em 1808, sob a égide de uma instituição oficial, visto que a *Gazeta do Rio de Janeiro* era editada pelo governo.

Mas foi o *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, editado na Inglaterra, o jornal considerado como o marco inicial da imprensa brasileira por suas posições independentes e de vanguarda. Considerado o mais completo veículo de análise da situação política daquela época e defensor de um Estado brasileiro, o *Correio* parou de circular por considerar encerrada a sua missão com a declaração da Independência.

Os debates apaixonados que se travaram em torno da abolição da escravatura e da proclamação da República tiveram nas páginas dos nossos jornais uma tribuna privilegiada. Grandes nomes da nossa política marcaram sua trajetória com a defesa veemente de suas idéias em artigos que eram objeto de comentários nas rodas dos cafés da época.

Seguindo a tradição do binômio jornalismo e política, tivemos na imprensa carioca três exemplos significativos de personagens que utilizaram jornais para a sua ascensão política: Tenório Cavalcanti, com a *Luta Democrática*; Chagas Freitas, com *O Dia* e *A Notícia*; e Carlos Lacerda, com a *Tribuna da Imprensa*. Os inflamados artigos e reportagens da *Luta* e, principalmente, da *Tribuna*, estão no cerne da queda do presidente Getúlio Vargas. Chagas Freitas, por sua vez, construiu as bases de sua carreira política nas páginas de *O Dia* e *A Notícia*, chegando, como Lacerda, a governador do estado.

Fazendo um rápido retrospecto das raízes políticas da nossa imprensa, este volume da *Série Memória* dos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO apresenta a trajetória desses quatro jornais e dos políticos que os criaram.

CESAR MAIA
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

“Toda política implica (e geralmente ignora que implica) uma certa idéia do homem, e até mesmo uma opinião sobre o destino da espécie, uma metafísica que vai do sensualismo mais bruto à mística mais ousada.”

Paul Valéry

poeta e ensaísta francês, 1871-1945

Sumário

Introdução	11
Do Brasil colonial à proclamação da República	13
A Colônia	13
O Primeiro Império	20
As Regências	26
O Segundo Império	28
A Primeira República	31
Tenório Cavalcanti e a <i>Luta Democrática</i>	35
Chagas Freitas, <i>O Dia</i> e <i>A Notícia</i>	47
Carlos Lacerda e a <i>Tribuna da Imprensa</i>	67
A imprensa e a política	77
Bibliografia	85
Sobre as imagens de abertura	87

Introdução

Homens que construíram escadas de letras, subindo rapidamente rumo ao poder. Personagens da vida política do Brasil que escolheram para escudo e espada jornais diários, como Chagas Freitas, Tenório Cavalcanti e Carlos Lacerda. Proprietários de impressos aguardados ansiosamente nas bancas, pelas páginas principais, destilavam veneno contra os inimigos, exaltavam os escolhidos para pupilos e garantiam sua sobrevivência.

A imprensa brasileira, aliás, nasceu sob o signo da política. Nossos primeiros jornais, revistas e panfletos tinham o governo como principal assunto. Fosse contra ou a favor. Porta-vozes de correntes políticas ou, muitas vezes, do dono da publicação, inauguraram uma tradição em nossa imprensa. Na escolha do título a ser comprado diariamente, o eleitor revelava sua escolha política, se governista ou de oposição. O jornal funcionava como bandeira, tendo por mastro a ideologia.

A arma mostrou-se potente. Forte o bastante para acabar com um presidente, levando-o ao suicídio. Assim fez Getúlio Vargas quando já esgotado pelas denúncias de corrupção e críticas ao seu governo, divulgadas na *Luta Democrática*, de Tenório Cavalcanti, e, principalmente, na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda. Dois proprietários de jornais, unidos por um período com o objetivo direto de infernizar a vida de Getúlio, um forte adversário político. Ao mesmo tempo, Chagas Freitas construía calmamente a sua base política através das páginas do jornal *O Dia*, que o levaria à cadeira de governador, com maioria absoluta no legislativo.



Do Brasil colonial à proclamação da República

A Colônia

A imprensa custou a chegar ao Brasil. Em nossos tempos de colônia, éramos um dos poucos países do mundo ocidental a não produzir palavra impressa. As tentativas de se abrirem tipografias esbarravam na proibição das autoridades portuguesas que, temerosas da influência dessas “novidades” na cabeça dos colonizados, proibiam a impressão de livros ou de papéis avulsos.

A vinda de D. João VI e sua corte para o Brasil, em 1808, trouxe muitas coisas, entre elas, a liberação da imprensa. Era preciso imprimir os atos do governo e divulgar notícias de interesse da coroa. De 1808 a 1880, do Brasil Colônia ao Brasil republicano, passando pela Independência, o país teve uma intensa atividade panfletária. A força da opinião, das idéias, é o que prevalece. Os jornais até podiam ser efêmeros, mas seus autores sobreviveram por gerações, alguns apenas como jornalistas, outros como políticos de renome: Hipólito da Costa, Evaristo da Veiga, Luís Augusto May, João Soares Lisboa, Antônio Borges da Fonseca, Cipriano Barata, Bernardo Pereira de Vasconcelos, José Bonifácio, Januário da Cunha Barbosa, Joaquim Gonçalves Ledo, Maurício José de Lafuente, Justiniano José da Rocha, José da Silva Lisboa e tantos outros.

O primeiro jornal impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançado em 10 de setembro de 1808. Além de decretos e fatos relacionados com a família real, publicava noticiário internacional com informações que passavam pela rigorosa censura da Imprensa Régia. A junta diretora da Imprensa Régia era, de fato, um conselho de censura. Entre suas atribuições estava a de “examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes”.¹

1. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, vol 1: *História da imprensa brasileira*.

Apesar de sua natureza oficial, a *Gazeta do Rio de Janeiro* trazia um aviso para os leitores: “N.B. – Esta *Gazeta*, ainda que pertença por privilégio aos Officiaes da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, não he com tudo Official; e o Governo somente responde por aquelles papeis, que nella manda imprimir em seu nome”.²

Mas também em 1808 surgiu o primeiro jornal escrito por um brasileiro, o *Correio Braziliense*. Fundado por Hipólito da Costa, era, entretanto, impresso em Londres, em português, enviado a Portugal e depois distribuído no Brasil por patriotas desejosos da Independência.

Ainda que publicado no exterior, este jornal foi o mais completo veículo de informação e análise da situação política e social do país, àquela época. Defendia a construção de uma rede de estradas, a utilização de matérias-primas na fabricação de manufaturas, a abolição da escravatura, a adoção de uma política imigratória de trabalhadores qualificados e a interiorização da capital para o Planalto Central. Entretanto, o Brasil não era o foco principal da publicação, pois fazia um resumo analítico dos acontecimentos nas Américas e na Europa.

E, se circulava clandestinamente no Brasil, também era lido às escondidas em Portugal. Hipólito da Costa chegara a Londres em 1805, fugindo de Portugal, onde estivera preso pela Inquisição. Lá, viveu como tradutor, escritor e professor de português. Com a vinda de D. João VI para o Brasil, tornou-se o primeiro jornalista brasileiro.

(...) A presença de D. João no Brasil era a possibilidade de progresso e desenvolvimento para a sua pátria: quem sabe não seria esse o começo de um novo ciclo para a nossa história? Quem sabe agora o Brasil não passaria a ter indústrias, universidades e imprensa? Quem sabe não se poderia adotar um novo sistema, providenciando para que as instituições que se implantassem aqui fossem de fato modernas, avançadas, para que os preconceitos e os vícios do Estado português não fossem transplantados para o Brasil?³

2. Bahia. Op. cit.

3. LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*.

Pelas páginas do *Correio Braziliense*, os brasileiros puderam acompanhar fatos como a trajetória de Napoleão até o exílio em Santa Helena e o processo de independência das colônias espanholas na América. Mesmo cobrindo acontecimentos internacionais, todas as notícias que se imprimiam no *Correio* tinham como alvo o Brasil e seu possível público leitor.

A revolução constitucionalista de 1820, em Portugal, determinou a volta de D. João VI para aquele país. Durante todo o ano seguinte, a tendência geral da imprensa no Rio de Janeiro foi a da conciliação com a metrópole, e não de separação do Brasil. A princípio, a revolução também foi recebida com entusiasmo nas páginas do *Correio Braziliense*, mas, com a volta do rei para a Europa e a evidência das intenções colonialistas das cortes para com o Brasil, o jornal passou para a oposição.

Hipólito da Costa apoiou os novos jornais e jornalistas brasileiros que surgiram e identificou-se com os projetos políticos de José Bonifácio. Com a proclamação da Independência, em 1922, deu por encerrada a sua missão e parou de publicar o *Correio Braziliense*.

Até então, apesar de liberada a imprensa, jornais e revistas eram ligados ao governo e com o aval da censura. Em 1813, por exemplo, saiu da Impressão Régia a revista de cultura *O Patriota*, de Manuel Ferreira Guimarães, tendo entre seus colaboradores José Bonifácio, Silva Alvarenga e Saldanha da Gama.

Por ironia, o primeiro brasileiro a publicar um periódico por sua conta e risco foi nada menos que o diretor da censura (Impressão Régia), José da Silva Lisboa, que mais tarde se tornaria o visconde de Cairu. O jornal, o *Conciliador do Reino Unido*, começou a ser publicado em 1821. Baiano formado pela Universidade de Coimbra, Silva Lisboa foi um dos mais influentes políticos da regência e do reinado de D. Pedro I. Estreou como jornalista ainda no final do século XVIII e, antes de o *Conciliador*, editou diversos pequenos jornais e panfletos políticos.

Apesar de defender o liberalismo econômico, Cairu era francamente conservador no que dizia respeito às liberdades políticas. Uma das motivações que o levaram a publicar o *Conciliador do Reino Unido* foi a

vontade de chamar a atenção para os danos que a liberdade de imprensa vinha causando no mundo livre. (...) Cairu comparava a liberdade civil e de imprensa ao "vinho espirituoso", que atordoa as cabeças fracas e arruína os estômagos débeis. Dizia que, se a censura "não obstasse os desvarios do vulgo", mais depressa se aceleraria a época das desordens totais. Achava que aqueles que sabem manejar as armas da calúnia e do ridículo, num ambiente de ampla liberdade de imprensa, teriam incomparável vantagem sobre o "sábio modesto", não só pela vulgar suposição de que "quem dá primeiro, dá duas vezes", mas também porque pessoas de espírito elevado desdenhariam medir-se com celerados. A liberdade ilimitada de imprensa, segundo Cairu, nunca existiria em parte alguma, principalmente em tempos de comoção do Estado.⁴

No mesmo ano, 1821, surgiram dois outros jornais, *O Amigo do Rei e da Nação* e *O Bem da Ordem*, na mesma linha do *Conciliador do Reino Unido*. Mas, em setembro do mesmo ano, surgiu o *Revérbero Constitucional Fluminense*, fundado pelos maçons Joaquim Gonçalves Ledo e o cônego Januário da Cunha Barbosa.

(...) Era a primeira vez que se publicava no Brasil um jornal que não passava pelo crivo do censor. Era a primeira vez também que se defendiam por escrito as idéias preconizadas na Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. A retórica exagerada de que se valeriam os dois novos jornalistas também fazia lembrar os folhetins revolucionários franceses. O *Revérbero* defendia abertamente a liberdade de imprensa e, mesmo tendo surgido já no contexto das manifestações contra as medidas das Cortes prejudiciais ao Brasil, deixava claro que consideraria loucura e precipitação falar em independência naquele momento.

4. Id. *ibid.*

Mas o surgimento do jornal já assinalava a tensão que caracterizaria daí por diante as relações entre brasileiros e portugueses até a Regência. Ele surgira baseado na certeza de que era preciso tomar posição e assumir imediatamente a defesa dos interesses do Brasil.⁵

De 1808 a 1880, sucessivos acontecimentos despertavam a consciência nacional, reclamando uma atuação das organizações políticas e mesmo do povo: a reação ao absolutismo, o constitucionalismo, a revolução de 1817, a regência de D. Pedro, a Independência, a abdicação do primeiro imperador, as guerras civis e a guerra do Paraguai. Eram tempos de mudança. Editor há dez anos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o coronel Manuel Ferreira de Araújo Guimarães rompeu com os patrões e resolveu publicar seu próprio jornal, *O Espelho*, que dizem ter sido financiado pelo próprio D. Pedro.

Com a volta de D. João para Portugal, uma série de decretos provocou revolta na colônia. Um deles determinava que D. Pedro também deveria embarcar para a Europa, outro fechava os tribunais e as academias, e mais um restabelecia o monopólio comercial com Portugal.

A reação fez-se sentir logo após o anúncio dos decretos. Um panfleto, denominado *Despertador Braziliense* e de autoria também atribuída ao futuro visconde de Cairu, surgiu no Rio de Janeiro, denunciando o colonialismo das medidas e exigindo a permanência de D. Pedro no país. Apesar da posição sabidamente conservadora de Cairu, o pequeno jornal foi o primeiro grito pela nossa independência.

A partir daí, a consciência de emancipação nacional mobilizou o país. O jornalismo político teve um importante papel nessa fase, seja em veículos efêmeros, alternativos, seja nos estáveis, regulares. A vanguarda dessa imprensa estava no Rio de Janeiro, daí alcançando as outras províncias.

A agitação das folhas era o reflexo das reuniões maçônicas que, pela primeira vez, uniam tendências divergentes daquela organização. De um lado, o grupo de Gonçalves Ledo e Januário; de outro, o grupo de Justiniano da Rocha, ligado aos Andradas, de São Paulo. Foi este grupo que escreveu a José Bonifácio

5. Id. *ibid.*

pedindo sua adesão ao movimento que se organizava no Rio para impedir de qualquer maneira a partida de D. Pedro para Portugal.⁶

D. Pedro ficou, e sua atitude uniu os brasileiros em torno dele. Logo, entretanto, se afastariam. José da Silva Lisboa lançou a *Reclamação do Brasil*, jornal que fazia dura oposição ao grupo maçônico liderado por Gonçalves Ledo. Em abril de 1822, surgiu o *Correio do Rio de Janeiro*, dirigido pelo português João Soares Lisboa e defendendo a criação de uma Constituinte brasileira. O movimento colheu 6 mil assinaturas e foi duramente criticado pela *Reclamação do Brasil* e pelo *Espelho*, contrários à Constituinte.

Sem nunca se comprometer com o governo, João Soares Lisboa criticava com desenvoltura os atos do príncipe D. Pedro e de seus ministros. Essa atitude resultou-lhe em ser o primeiro jornalista processado no Rio de Janeiro por crime de imprensa. Os jurados, entretanto, não conseguiram encontrar crime no réu, que apenas divulgava os princípios republicanos e democráticos.

6. Id. *ibid.*

O Primeiro Império

Com a Independência, em 1822, a imprensa diversificou-se e especializou-se. Das novas nações americanas, o Brasil tinha sido a única a pagar para se libertar dos seus colonizadores. Esse foi um dos motivos que levaram jornais que apoiaram a Independência a pedir a abdicação do imperador.

Após o grito do Ipiranga, os grupos que cercavam D. Pedro e que vinham se enfrentando de forma cada vez mais agressiva desde o começo do governo Andrada entraram em choque direto por conta das definições do poder que teria o imperador. De um lado, os maçons liderados por Gonçalves Ledo queriam que D. Pedro jurasse a Constituição antes de ela ser formulada. Esperavam submeter assim o imperador à Assembléia. De outro lado estava o grupo de José Bonifácio, contrário a essa proposição e interessado em garantir uma fatia maior de poder para o imperador.⁷

Poucos dias após o grito do Ipiranga, João Soares Lisboa publicou um artigo atribuindo sentimentos republicanos ao imperador e insinuando que, depois dele, viria a República. Por orientação de José Bonifácio, a polícia proibiu a circulação do *Correio do Rio de Janeiro* e seu redator foi intimado a deixar o país. Mas, atendendo a apelos e pressões, D. Pedro relaxou a medida e permitiu que Soares Lisboa permanecesse no Rio de Janeiro.

Em protesto, José Bonifácio renunciou ao ministério, mas, três dias depois, reassumiu com poderes ainda mais amplos. Sua primeira providência foi abrir uma devassa contra os inimigos, acusando-os de conspiradores. A devassa determinou ainda o fechamento do *Revérbero Constitucional* e do *Correio do Rio de Janeiro*. Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, do *Revérbero*, e João Soares Lisboa, do *Correio*, conseguiram fugir para Buenos Aires, mas outros supostos conspiradores foram presos ou deportados.

A censura prévia havia caído um ano antes da proclamação da Independência, o que determinou, durante dez anos, o aparecimento de

7. Id. *ibid.*

uma série de pequenos veículos – jornais radicais e panfletos. No entanto, com José Bonifácio, inimigo de críticas, chegou a ser proibida a circulação de periódicos que lhe fossem contrários ou aqueles escritos por inimigos políticos. Até a abertura da Assembléia Constituinte, em 3 de maio de 1823, nenhum outro jornal surgiu.

Alcançada a independência política, mas agindo D. Pedro I a favor de seus compatriotas, desencadeou-se por todo o país uma violenta campanha, notando-se o descontentamento popular através dos jornais: *O Nazareno* e o *Republico*, na Paraíba e na Corte; nas críticas do *Tifis Pernambucano*, de frei Joaquim do Amor Divino Caneca; nos ataques de *A Sentinela do Serro*, dirigida por Teófilo Otoni.

Durante as lutas da Regência e por todo o Segundo Reinado, diversos nomes da imprensa brasileira continuaram a divulgar as aspirações do povo. Vicente Ferreira Lavor Papagaio, maranhense, defendeu com o periódico *A Sentinela*, editado no Pará, a insurreição dos cabanos – movimento nativista, republicano, contrário ao Partido Restaurador e à Regência, deflagrado em 1833.⁸

Em 4 de agosto de 1821, começou a circular na Bahia o *Diário Constitucional*. Defendendo com coragem os interesses brasileiros, trazia como epígrafe versos de Camões: “A verdade que eu conto nua e pura,/vence toda a grandiloqua escritura”. Participou da primeira campanha eleitoral travada pela imprensa brasileira, ganhando a oposição do *Semanário Cívico* e da *Idade d’Ouro do Brasil*. Um ano depois, deixou de ser diário, passando o título a ser apenas *O Constitucional*. Empastelado pelos portugueses contrários à Independência, ressurgiu com o nome de *Independente Constitucional*.

Ocuparam igualmente lugar importante na política partidária e em campanhas cívicas *A Malagueta*, de Luís Augusto May, fundado em 1821,

8. CAMPOS, Theresa Catharina de Góes. “Jornalistas nas Lutas Políticas Brasileiras”. In: *Artigos ABN Notícias*. Agência Brasileira de Notícias, 27/11/2002 (www.abnn.com.br/arttheca6jorn.htm)

e *A Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga, em 1827. Tendo por epígrafe uma frase de J.-J. Rousseau – “Quando se diz acerca dos negócios do Estado ‘que me importa?’, deve-se contar que o Estado está perdido”, *A Malagueta* publicou 31 números de 1821 a 1822, parou de circular durante seis anos e voltou como *A Malagueta Extraordinária*, até 1832. Gerou polêmicas e até mesmo panfletos contestadores, tendo repercutido até 1844, ano em que surgiu em São Luís, por sua influência, *A Malagueta Maranhense*.

No Rio de Janeiro, o cenário agitado dos bastidores da política repetia-se nas manchetes e nos artigos dos jornais.

Em meados de 1823, fervia a disputa entre José Bonifácio e a Assembléia, com muitos ataques de parte a parte através do *Diário do Governo*, do *Diário da Assembléia* e dos demais jornais que então circulavam na cidade. A exemplo do que acontecera com João Soares Lisboa em julho do ano anterior, agora era a Assembléia que levava a julgamento autores de artigos publicados na imprensa considerados ofensivos àquela casa. Em meio a esse clima de tensão, no dia 5 de junho apareceu a *Malagueta Extraordinária* nº 2. Continha acusações diretas contra o gabinete Andrada e, bem no estilo do jornalista, sinuosas e indiretas contra o imperador. No dia seguinte, à noite, um grupo de embaixados invadiu a casa de May e deu-lhe uma surra violenta. Do bolso de um deles caiu uma carta endereçada a Pedro Dias Paes Leme, um dos inseparáveis companheiros de farra do jovem imperador.

Na Assembléia, May foi imediatamente elevado a mártir da imprensa amordaçada pelo repressivo governo dos Andrada. O *Diário do Governo* ainda tentaria reduzir o impacto do martírio de May, lembrando a imagem pública negativa do jornalista. Mas, mesmo os que não gostavam dele, como Soares Lisboa, aproveitaram para botar lenha na fogueira onde ardiavam os Andrada, culpando-os pela violência.⁹

José Bonifácio acabou perdendo a disputa. Em 16 de julho do mesmo ano, pediu demissão do ministério. Segundo os jornais adversários, seus amigos tentaram repetir o feito de 1822, trazendo-o de volta ao poder, mas nada conseguiram. Passaram então a publicar o jornal *O Tamoyo*, que pretendia lutar contra os privilégios dos antigos colonizadores. Entre esses, indiretamente incluíam o próprio imperador que, além de ter nascido em Portugal, vivia agora cercado de amigos e auxiliares portugueses. Em outra frente, *O Tamoyo* atacava os radicais do Rio, como Soares Lisboa; e frei Caneca e Cipriano Barata, em Pernambuco.

Outros jornais influentes, durante a Regência e o Primeiro Reinado, são *O Sete d'Abril*, de Bernardo Pereira de Vasconcelos; o *Tribuna do Povo*, de Francisco das Chagas de Oliveira França; e *A Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande*, dos irmãos Menezes de Drummond. *A Aurora Fluminense*, “jornal político e literário”,



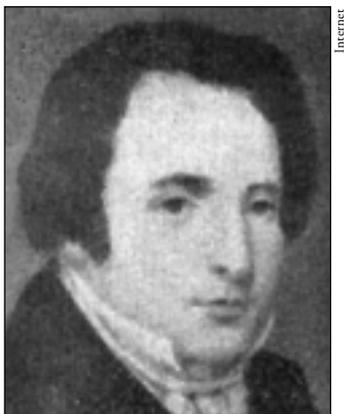
Internet

O Tamoyo: publicado a partir de 1823 pelos aliados de José Bonifácio, após este ter pedido demissão do ministério. O jornal tinha como adversários Soares Lisboa, frei Caneca e Cipriano Barata.

circulou de 1827 a 1839. Independente, com uma linguagem irônica e elegante, trazia no primeiro número, em 21 de dezembro de 1827, uma apresentação do seu fundador, Evaristo da Veiga:

A Aurora de liberdade, que pela vez primeira espalhou o seu resplandecente manto sobre o vasto orizonte do Brasil em 1822, hoje brilha ainda com todo o seu resplendor: os primeiros raios desta filha do Ceo fecundarão o solo sagrado da Pátria; desde a memorável era da independência huma geração nova cresce, e se nutre em os principios de uma justa liberdade, garantida pelo governo representativo.¹⁰

O primeiro jornal de Minas Gerais, *O Compilador*, apareceu em 1823. No Rio e na Bahia, duas novas publicações dedicavam-se à indústria, ao comércio e à agricultura. Em Olinda e Recife, circulava um órgão estudantil, *O Olindense*. Em 1828, surgiu em Ouro Preto o *Precursor das Eleições*.



Evaristo da Veiga: fundador do jornal *A Aurora Fluminense*, foi também o autor da letra do Hino da Independência, musicado por D. Pedro I.

Mais antigo jornal em circulação no país e na América Latina, o *Diário de Pernambuco* foi fundado em 1825 por Antônio José de Miranda Falcão e, em 1831, transferido para Manuel Figueiroa de Faria. Quatro anos mais tarde, juntou-se ao *Diário da Administração Pública*, mas, apesar da fusão com uma publicação de atos oficiais, manteve linha independente, chegando a disputar, em 1854, o título de “jornal mais completo do Império do Brasil” com o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

10. BAHIA. Op. cit.

O *Jornal do Commercio*, por sua vez, fundado em 1827 pelo impressor francês Pierre Plancher-Seignot, sucedeu ao *Diário Mercantil* e ao *Spectador Brasileiro*, ambos também de sua propriedade. Com seus editoriais, teve grande influência sobre a administração do país, chegando mesmo a derrubar ministros do Império.

A ebulição política do Primeiro Reinado fez com que surgissem vários jornais de oposição. Apesar da cerrada censura do governo imperial, pela primeira vez no país o debate político chegou à imprensa, com posições de diferentes matizes. Vários jornais começam a circular no Rio de Janeiro e em outras províncias. O *Aurora Fluminense*, dirigido por Evaristo da Veiga, combatia D. Pedro e os partidários do federalismo. Estes, por sua vez, editaram *O Republicano* e *A Nova Luz Brasileira*. D. Pedro era apoiado pelo jornal *A Gazeta do Brasil*, dirigido por José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu. Em Pernambuco, o veterano jornalista Cipriano Barata editou o *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*. Em São Paulo, o italiano Libero Badaró dirigiu *O Observador Constitucional*, com críticas radicais ao imperador. O jornal circulou até 1830, quando Libero Badaró foi assassinado. O crime ficou impune, mas acelerou a crise política: mais de 5 mil pessoas comparecem ao enterro e multiplicam-se as manifestações pela renúncia do imperador.

A Estrela Brasileira, do francês Jean Baptiste Aimé de Loy, foi o último dos novos jornais da fase da Independência. Muito amigo de D. Pedro I, depois da abdicação seguiu-o para a Europa e alistou-se no exército recrutado para combater D. Miguel.



D. Pedro I: o primeiro imperador do Brasil escrevia, sob pseudônimo, artigos no jornal *O Espelho*, que dizem ter sido também por ele financiado.

As Regências

O imperador abdicou em 7 de abril de 1831, escolhendo José Bonifácio como tutor de D. Pedro II, então com seis anos de idade. Um ano depois, José Bonifácio foi suspenso e, em 1835, Diogo Antonio Feijó assumiu a Regência. Um ato adicional e o respaldo parlamentar dos moderados deu condições políticas para essa segunda Regência.

Data também de 1831 a estréia de Cipriano Barata no jornalismo, autor da *Sentinela da Liberdade*, jornal que apareceu em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. Embora na prisão, o que ocorreu muitas vezes, Cipriano Barata fazia circular os vários *Sentinela*. Mesmo após sua morte, em 1838, surgiram outros *Sentinela* e até uma revista ilustrada, a *Sentinela do Sul*, circulou em Porto Alegre de 1867 a 1868.



Diogo Antonio Feijó: regente a partir de 1835, com a abdicação de D. Pedro I, ficou no posto até 1840, quando D. Pedro II assumiu a maioridade. Em 1838, assinou um decreto limitando a liberdade de imprensa.

A atividade panfletária de Cipriano Barata foi continuada por frei Joaquim do Amor Divino Caneca, com o *Tifis Pernambucano*. Em seu periódico, frei Caneca tratou das manifestações contrárias ao Império que explodiam em Pernambuco e outras províncias. Usando uma linguagem enérgica, denunciava os erros cometidos pelo imperador e atacava a prepotência dos portugueses. Preso, foi fuzilado em 1825, “por crime de sedição e rebelião contra as imperiais ordens de Sua Majestade Imperial”.

A insatisfação social, entretanto, detonou guerras civis que ensangüentaram o país de 1840 a 1849, como a Revolução Praieira, em Pernambuco. Iniciada em 1848 e estendendo-se até 1852, foi ela a última das insurreições realmente relevantes contra a unidade regencial. De caráter liberal, reivindicava a instituição do sufrágio universal, o fim do poder moderador (poder pessoal do imperador), a primazia para os brasileiros nas oportunidades de trabalho e a nacionalização do comércio praticado pelos portugueses.

A pequena imprensa oposicionista teve um papel vital na Revolução Praieira, em particular o *Diário Novo*, réplica liberal do *Diário de Pernambuco*; *O Nazareno* e *A Revolução de Novembro*, de Borges da Fonseca, e *O Maccabeo*, de Antônio Vicente do Nascimento Feitosa.

O regente Feijó provocou a ira da aristocracia agrária ao manifestar-se publicamente em apoio ao fim da escravidão. Chegou a enviar uma missão a Londres para tratar com o governo inglês medidas de repressão ao tráfico negreiro. Desentendeu-se também com a imprensa, que o atacava constantemente, e por isso assinou um decreto, em março de 1838, limitando sua liberdade.

O autoritarismo do regente fazia aumentar a cada dia seu grupo de opositores, presente também na Câmara e no Senado. Feijó teve sua atuação bastante limitada, sendo responsabilizado pelas revoltas sociais que se espalhavam por todo o país. Sentindo-se acuado e sem respaldo político, renunciou em 19 de setembro de 1837.

A queda de Feijó significou uma vitória dos restauradores, que iniciaram movimento pelo retorno de D. Pedro I. Por meio de seu jornal, *O Caramuru*, pregavam abertamente tal proposta. Os moderados, temendo essa possibilidade, resolveram reagir, desbaratando o Partido Restaurador. José Bonifácio foi destituído do cargo de tutor e preso em dezembro de 1833, sendo substituído pelo marquês de Itanhaém. Com a morte de D. Pedro I, em 1834, o Partido Restaurador perdeu sua razão de existir.

O Segundo Império

Em fins do século XIX, a imprensa brasileira já se mostrava preparada para o estágio empresarial. Os pequenos jornais passam a ter vida cada vez mais curta. A imprensa republicana, na qual se destaca *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, publicou, em 1869, o manifesto “A Reforma ou Revolução”. O jornal ficou dividido entre o papel conciliador de D. Pedro II e a pressão da sociedade, catalisada por liberais e republicanos que pregavam o abolicionismo e o federalismo.

Enquanto os jornais conservadores do Rio e de São Paulo sugeriam o modelo da Câmara dos Comuns para o governo, os republicanos defendiam o abolicionismo e o federalismo. As tensões da Guerra do Paraguai (1865-1870), por sua vez, enfraqueceram D. Pedro II.

O Partido Liberal Radical (1868), o Partido Republicano (1870), o fim da guerra, as agitações culturais e o poder de fogo da imprensa de oposição provocam a ruptura da política moderadora da monarquia e levam ao colapso toda a ordem hierárquica herdada do período colonial. Jornais cariocas e paulistas desses últimos anos do século XIX e início do século XX são os portadores da mudança.

(...) Toda a imprensa, com exceção daquela comprometida com o escravagismo, tem atuação decisiva nos movimentos abolicionista e republicano. Cobre e amplia a atividade de propagandistas que percorrem o país em campanha. (...)

Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Piauí, Paraíba inauguram jornais abolicionistas de curta duração, que se esgotam na República. Mas é em Pernambuco, Bahia, Minas, Rio Grande do Sul e particularmente no Rio e São Paulo que o jornalismo mais influi, com Bocaiúva, Rui, Patrocínio, Silva Jardim, Antonio Bento, Júlio Mesquita, André Rebouças, Nabuco, João Clapp e tantos outros.¹¹

11. BAHIA, Op. cit.

O centro da agitação era o Rio, em que estavam não apenas o imperador e a Assembléia, com os principais partidos, mas também os principais órgãos do jornalismo político brasileiro: *A Gazeta da Tarde* (1880-1901), de José Ferreira de Menezes e que teve a participação de José do Patrocínio; *O Paiz* (1884-1930), jornal republicano fundado pelo conde S. Salvador de Matozinhos, tendo Quintino Bocaiúva como redator principal; o *Diário de Notícias* (1885-1995), editado por Carneiro, Senna & Cia. e que, em 1889, passou a ser dirigido por Rui Barbosa.



D. Pedro II: assumiu o trono aos 14 anos de idade, tendo realizado o governo mais longo da nossa História (1840-1889).

O progresso observado na ciência no final do século XIX refletiu-se no reequipamento dos jornais, principalmente no Rio, centro da produção intelectual. Já em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, os senhores rurais congregam-se em torno de novos títulos de periódicos, interessados na indústria cultural. O jornal *A Província de S. Paulo* é o melhor exemplo dessa mobilização.

Fundado em 1821, o *Diário do Rio de Janeiro*, em seus 57 anos de existência, mudou várias vezes de direção e de posição política. Em 1860, reunia, em sua redação, nomes como Machado de Assis, Quintino

Bocaiúva, Saldanha Marinho e José de Alencar. De situacionista, o *Diário* passou a republicano, numa época em que defender a República ainda era considerado atitude subversiva.

A República veio a público no dia 2 de dezembro de 1970, com o manifesto do Partido Republicano, redigido por Quintino Bocaiúva. Com frases enérgicas, apoiava-se em idéias de nomes famosos do Império, como Eusébio de Queirós, Nabuco de Araújo, Francisco Otaviano, Cotegeipe, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.



José do Patrocínio: iniciou carreira de jornalista na *Gazeta de Notícias*, quando começou sua campanha pela Abolição. Passou depois para a *Gazeta da Tarde*.

Apesar do clima de tolerância e liberdade que a imprensa desfrutou no Segundo Reinado, os jornais republicanos sofreram atentados. Festejaram, entretanto, junto com o Império, uma iniciativa considerada da oposição a D. Pedro II: a lei de 1881, do gabinete Saraiva, que deu ao país uma legislação eleitoral e permitiu a realização de eleições diretas. Com o estabelecimento da Abolição, os jornais concentraram-se na propaganda republicana, que tinha como porta-voz *A Província de S. Paulo*.

A Primeira República

Com a proclamação da República, novos jornais foram criados, mas os governos que se seguiram – de Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto – foram duros com a imprensa. Vários jornais foram fechados, como a *Tribuna Liberal* (1888-1889), do Rio de Janeiro, e *A Platéia* (1891-1931), de São Paulo.

Surgiram, no Rio, *A Imprensa* (1889-1914) e o *Jornal do Brazil* (1891), fundado por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, com Joaquim Nabuco, Sancho de Barros Pimentel e José Veríssimo. Em 1893, Rui Barbosa, então redator-chefe e proprietário, alterou a grafia para *Jornal do Brasil*.

Na Primeira República, o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Commercio*, *O Estado de S. Paulo*, a *Gazeta de Notícias* e o *Paiz* já eram empresas fortes. Títulos mais recentes, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, buscam a consolidação empresarial mediante rigorosa política de investimentos, com o objetivo de conquistar o mercado por via da qualidade do produto editorial. Enquanto José do Patrocínio apostava no prestígio pessoal e fama de republicano e abolicionista para o sucesso do *Cidade do Rio*, Rodolfo Dantas, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Edmundo Bittencourt já praticavam, no início do século XX, uma ação empresarial mais pragmática, ordenada e eficaz. Não havia lugar para improvisação.

Embora os jornais brasileiros da época procurassem seguir o modelo do *The Times*, de Londres, ou de *Le Temps*, de Paris, o padrão local de competição era o do *Jornal do Commercio*, fundado em 1887 por Pierre Plancher, e com o qual concorriam *A Província de S. Paulo*, *O Paiz* e o *Jornal do Brazil*. O *Jornal do Commercio* não se abalou com a concorrência. Praticamente dirigido de Paris, durante 25 anos, por François Picot, foi o primeiro a publicar, seguindo a moda francesa, o romance-folhetim. Outra criação famosa do jornal foi a “Vária”, a primeira nota de uma seção de informações gerais, conjugando opinião e notícia com tal precisão que era capaz de derrubar um ministro.

Um escandaloso caso de corrupção, envolvendo subvenções oficiais a jornais e jornalistas, marcou um novo tipo de relação entre o poder e a imprensa na passagem do século. Entre os beneficiários do suborno governamental, estavam prestigiosos órgãos do Rio e São Paulo.

Júlio Mesquita, em *O Estado de S. Paulo*, utiliza os editoriais de "Notas e Informações", no final de 1915, para exorcizar suspeitas de participação do maior jornal paulista em créditos subvencionados pelo governo estadual. A defesa própria que faz, as explicações e os argumentos que oferece aos leitores demonstram uma nova concepção de jornalismo.

(...) A sociedade lentamente abandona o passado feudal e patriarcal para se projetar no sonho de uma nação moderna. O oratório cívico em que costuma rezar é o de Rui Barbosa, a cujo magistério Júlio Mesquita reserva o espaço nobre de *O Estado*. Jornalista e político, Mesquita abre duas dissidências, em 1901 e 1915, no Partido Republicano Paulista.

No ano da sua morte (1927), inventiva a criação do Partido Democrático, numa última tentativa para impor suas crenças em instituições livres, democráticas e reformistas.

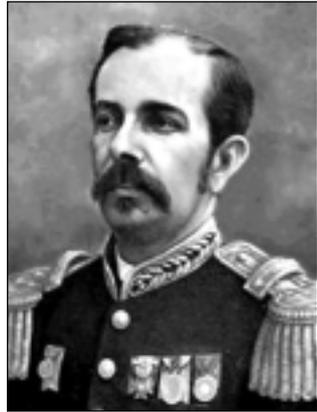
(...) Por essa época, os jornais têm por hábito, sobretudo no Rio, hastear bandeiras nas fachadas. *A Rua, O Paiz, Folha Popular, A Tribuna, Cidade do Rio, Correio do Rio, O Brasil, Diário do Brasil, Gazeta de Notícias, Gazeta da Tarde, Gazeta Moderna, Correio do Povo, Jornal do Povo, Jornal do Commercio, Diário do Comércio, Diário de Notícias e Diário Oficial* fazem tremular seus pavilhões verdes, amarelos ou vermelhos; uns para simbolizar rebeldia, outros sua identificação com o regime.

O *Jornal do Brazil* desfralda, em 1891, uma bandeira com o seu título em letras pretas sobre um campo branco, para significar neutralidade. Isto não impede Floriano [Floriano Peixoto, o então presidente da República] de investir contra o jornal, acusando-o de tentar desestabilizar o governo.¹²

Em seu primeiro editorial, na primeira página, o *Jornal do Brazil* expôs seus objetivos: “É agora ou nunca o momento de colocar os interesses superiores, permanentes e essenciais de nossa sociedade acima de estreitezas do espírito de seita e de partido”. Apesar de ter nascido praticamente com a primeira Constituição republicana, o *Jornal do Brazil* era simpatizante da monarquia.

Quando D. Pedro II morreu, o jornal saiu com uma edição especial com o título “O grande morto”. À noite, a redação foi atacada à bala por invasores e as oficinas depredadas. Para salvar o jornal, Rodolfo Dantas, Joaquim Nabuco e Barros Pimentel renunciaram a seus postos na empresa.

Em maio de 1893, Rui Barbosa assumiu a direção do jornal e passa a desafiar o então presidente Floriano Peixoto. Acusado de incitar a Revolta da Armada,¹³ o *Jornal do Brasil* foi empastelado, só voltando a ser publicado mais de um ano depois, e Rui exilou-se na Inglaterra.



Os primeiros presidentes do Brasil, marechais **Deodoro da Fonseca** (de 1889 a 1891), à esquerda, e **Floriano Peixoto** (de 1891 a 1894), à direita, foram duros com a imprensa, fechando diversos jornais. Apesar disso, outras publicações já existentes se fortaleceram e surgiram novos títulos.

Durante a Revolução de 30, que depôs o presidente Washington Luís e levou Getúlio Vargas ao poder, o *Jornal do Brasil*, então legalista, novamente deixou de circular por uma semana. Em 1937, sofreu censura por condenar o Estado Novo. O fato repetiu-se em 1964, apesar de o jornal ter apoiado o movimento que derrubou o presidente João Goulart.

13. Movimento liderado pelo almirante Custódio de Melo, em que segmentos da Marinha se opuseram à permanência no governo do vice-presidente Floriano Peixoto, que desejava completar o mandato do presidente anterior.

A direção da empresa Arroyopul foi rastreada, situada em Vicente de Camargo, além de produzir e comercializar, cachaça e pólvora. — UNICEL (Fig. 2)

Morto quando roubava cachaça

O homem possuía uma varinha, pistão e tentou roubar um barril da vasa para do bar. Acertou que ao tentar agarrar o dono da casa, foi morto com um cartucho (Fig. 3)

NA PRISÃO DE TRAFICANTES DE MACONHA

PIPOQUEIROS ERAM POLICIAIS

Fundado: TENÓRIO-SANTALICATO

Editor: EVANGELINO MENDES DA COSTA

LUTA DEMOCRÁTICA

JORNAL QUE LUTA POR QUEM NÃO PODE LUTAR

Sede: Rua Administrativa, AV. PRES. VARGAS, 600 SALAS 208/210 - TEL. 228 0261

ANO XXX - Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1974 - Nº 1019

4,00

Seis policiais da Delegacia de Empreendimentos, passando por pipoqueiros, desbaratarem uma quadrilha de traficantes de maconha na rua Barão de Passalunghi. Na hora do flagrante, os elementos que se achavam na boca de fumo, resistiram a polícia e bale, ocasionado a morte de um dos traficantes, que tentou por acabar a situação dos bandidos e toda maconha foi apreendida e os traficantes presos.

A polícia agora está tentando localizar os dois viciados da boca de fumo, que continuam furtivos.

Mais detalhes veja na página 5.



Os Correios de São Paulo com o novo modelo de envelope. (Página 2)

Processo após sustos e inibidos... Assaltado quando pagava... Quando se faz o pagamento de prestações de uma dívida, o devedor é obrigado a pagar o valor total do contrato em um único ato, o que é considerado uma prática abusiva.

Pagamentos 2º. lote no BANERJ

O Banco de São Paulo de São Paulo anunciou que o lote 2º de prestações de uma dívida, o devedor é obrigado a pagar o valor total do contrato em um único ato, o que é considerado uma prática abusiva.



MUITA MACONHA FOI ONTEM PARA O FOGO

Aspecto da queima dos ilícitos ENTORPECENTES, assistida pelas autoridades de Saúde e da Polícia. Já hoje, serão apreendidos de maconha foram armazenados para, logo após o inquérito serem também queimados. Mais notícias veja na página 5.



GRACINHA É que tudo indica que a mulher seja a mesma Maria, a chamada 'Gracinha', que foi apontada de fonte policial de São Paulo. Ela teria sido vista em São Paulo, no dia 13 de julho, em uma residência em São Paulo.



O Procurador João Figueiredo recebe, em audiência de instrução do Conselho Superior Eleitoral, ao Polício do Paraná. (Página 5)

Agrediu a colega no escritório

A maconha foi apreendida no escritório em que trabalhava, pelo seu companheiro de serviço. Outros lotes de cachaça e uma dívida contra ao seu nome.

Assaltavam com armas plásticas

Tenório Cavalcanti e a Luta Democrática

Homem da capa preta, sempre acompanhado de sua pequena metralhadora apelidada carinhosamente de Lurdinha, antes de decidir montar o *Luta Democrática*, em 3 de fevereiro de 1954, o então deputado federal Tenório Cavalcanti já se destacava como grande marqueteiro, numa época em que a expressão sequer existia.

Usando em sigilo um colete à prova de balas, espalhava boatos na região de Duque de Caxias, garantindo ter o corpo fechado e levando a população a crer que ali estava um homem santo. Envolvido em guerrilhas urbanas armadas pela posse de terras em seu reduto, Tenório colocou-se como o justiceiro, que punia os malvados e defendia os humildes. Com linguagem simples, direta, fazia discursos demagógicos, exaltados, abusando de simbologias, contando histórias e desafiando de forma pessoal os adversários.

Presenciei uma cena em que, pela primeira vez, foi permitido o ingresso da televisão dentro da fortaleza de Tenório. Era no programa de Flávio Cavalcanti, grande animador de auditório. Ele filmou a casa dele por dentro. E eles fizeram um desafio. O Tenório usava barba, quando ninguém usava. Ele ia raspá-la em público e, em troca, o Flávio Cavalcanti tinha que se jogar, de *smoking*, na piscina. Isso foi feito: Tenório raspou a barba, depois o Flávio ainda quis tirar a carteira ou os óculos da roupa, mas foi proibido. Ele sempre se mantinha na mídia, era um especialista em *marketing* pessoal.¹⁴

Nascido no sertão alagoano, veio para o Estado do Rio de Janeiro em busca de dias melhores. Em Duque de Caxias encontrou o ponto certo e começou sua trajetória de ascensão, destacando-se em litígios travados

14. BELOCH, Israel. Entrevista do historiador para os CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

por grupos de fazendeiros e pequenos agricultores. Determinado, formou-se em Direito aos 40 anos. Segundo o próprio Tenório, o primário foi cursado com um livro na mão e a arma na cintura, já em Caxias. Assim, fez-se deputado estadual, pela UDN, em 1947. E federal, eleito em 50, 54, 58 e 62, chegando a disputar os governos dos estados do Rio e da Guanabara. Sua trajetória política só foi freada pelo regime militar, tendo seus direitos cassados em 1964, pelo Ato Institucional nº 1.

O jornal *Luta Democrática*, que alcançou grande tiragem, diariamente enaltecia o trabalho de Tenório em favor dos mais fracos e oprimidos e tinha como *slogan* a frase: “Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar”. Os textos não poupavam elogios ao proprietário do periódico, como evidencia o trecho abaixo:

(...) na residência de Tenório se faz a triagem dos casos citados: ali vão, todos os dias, os injustiçados, os doentes, os políticos de todas as facções, de todos os matizes, os que precisam desabafar o seu caso íntimo, antes que o desatino os vença. Hoje, culto, compreensível e mais do que nunca apaziguador (...) continua sendo em Caxias, sem roubar as atribuições das autoridades constituídas, o juiz, o padre e o médico.¹⁵

Na Baixada Fluminense, ele mandava apoiado por sua equipe de capangas fortemente armados. O comportamento impetuoso atraiu inimigos. Depois da polêmica morte de um de seus rivais, o delegado Amparato, o deputado começou a se distanciar dos litígios bélicos e inaugurou, com a criação de seu jornal, a fase que denominava “trincheira de papel”. Uma forma legalizada de continuar seu método de coação na luta pelo que acreditava ser o certo ou pelo que atendia aos seus interesses. Também fez parte de seu arsenal uma rádio comunitária, com caixas de som espalhadas por Duque de Caxias. É uma de suas filhas, Sandra Tenório Cavalcanti, que conta em seu livro, como esse poder era exercido:

Se o português da quitanda abusasse no preço, ele ia pessoalmente averiguar e o respeito que impunha era tão grande que no dia seguinte o preço baixava. Se o

15. Publicado na *Luta Democrática*, em 22 de março de 1961, p. 3, e citado pelo historiador Israel Beloch no livro *Capa preta e Lurdinha*. Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada.

hospital não atendesse os necessitados por não estarem em dia com a documentação, ia imediatamente em socorro dos doentes, a qualquer hora que fosse. E o hospital abria rapidamente as portas, sem outra ameaça que a de colocar em seu jornal *Luta Democrática* que o povo estava sendo maltratado. Um jornal sempre assusta, por suas denúncias, e *Luta Democrática* era realmente o jornal mais lido do país, naquela época... As manchetes da *Luta* eram verdadeiros chamarizes. Tanto que o povo corria todos os dias, às 4h30 da manhã, para comprar o jornal que falava uma linguagem de fácil entendimento.¹⁶



Internet

Tenório Cavalcanti

16. CAVALCANTI, Sandra Tenório. *Tenório, meu pai*.

A *Luta Democrática* cumpriu dois objetivos claros. Servir de vitrina para Tenório e atacar aquele que era na época seu principal inimigo, Getúlio Vargas. O político da Baixada gastou muita energia cultivando desavenças com o então interventor do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto, genro de Vargas. Nessa oposição acirrada, a *Luta* juntou-se ao jornal *O Dia*, presidido por Chagas Freitas, e à *Tribuna da Imprensa*, jornal elitizado, dirigido por Carlos Lacerda.



15/9/1960: Em campanha aberta, Tenório tenta, de todas as formas, por meio do jornal, mostrar que conseguiu a adesão da Zona Sul do Rio a sua candidatura para governador.

Desde o princípio, o jornal associou-se à movimentação comandada por Carlos Lacerda, integrando-se à campanha antigetulista cujo recrudescimento acabaria conduzindo Vargas ao suicídio. Foi, nesse sentido, uma *Tribuna da Imprensa* dos pobres. Adotando linguagem popular e valendo-se de apelos sensacionalistas, como

o recurso de chocantes fotografias de cadáveres, de preferência mutilados, que habitam a crônica policial, a *Luta Democrática* conquistou grande aceitação junto às camadas mais pobres da população carioca e fluminense, difundindo uma imagem positiva, muitas vezes gloriosa e quase mítica de seu proprietário.¹⁷

A *Luta Democrática* transitava pelos extremos, com o objetivo de formatar a opinião pública politicamente. Traduzia o fato da maneira que melhor convinha a Tenório, de forma que fosse entendido, e debatido, pela massa distante da sala de aula.

Em um jornal de grande apelo sensacionalista como a *Luta Democrática*, por exemplo, as representações arquetípicas características daquele tipo de jornalismo ora dignificavam a imagem do povo, ora o transformavam em caricatura. A apropriação de elementos da cultura popular feita pelo noticiário revela isso. Se por um lado a valorização das práticas religiosas populares, como a umbanda, tentaram instituir um vínculo de identificação entre o jornal e seu público através da criação de colunas específicas e reportagens; por outro, as referências aos seus praticantes no noticiário policial revelou representações preconceituosas, caricatas. Como na matéria "A macumba terminou no distrito", da *Luta Democrática*:

"Bizarramente pintadas, ostentando as marcas indizíveis do atraso em que vivem, cinco mulheres, entre elas três menores, sujeitavam-se às ordens estapafúrdias de Antonieta Nascimento, chefe do "terreiro" (...) em Cordovil, onde as mesmas cumpriam as últimas obrigações para serem consideradas 'babalaô orixá'. (...) Fitas de várias cores, pulseiras de metal inferior completavam a paramenta estranha tornando as candidatas ao título de 'babalaô orixá' em macabras

17. BELOCH, Op. cit.

figuras (...) A ação policial prendeu-se unicamente ao fato da presença de menores na cerimônia e devido aos macumbeiros não respeitarem o sossego da vizinhança." (*Luta Democrática*, 10/2/54, p. 5)¹⁸

Para conquistar o público, Tenório também usava em seu jornal a publicação de versos populares, comum nos jornais sensacionalistas dos anos 50.

A publicação de versos ao estilo da literatura de cordel em *O Dia* e na *Luta Democrática* aponta para um esforço de identificação com os grupos populares, onde tais versos não só serviram como um atrativo simpático, divertido ou curioso, mas como um elemento de tradução ou recodificação de informação para este público. Vale então lembrar que boa parte das massas populares então residentes no Rio de Janeiro eram provenientes da migração nordestina e que a literatura de cordel é depositária das crenças e valores do nordestino pobre e humilde.¹⁹

Tenório, entretanto, foi além. Em 6 de fevereiro de 1954, na página 3, a *Luta Democrática* publicaria a seção "Venci de revólver em punho", com objetivo de contar, através de versos de Zé Alagoano, a versão do político sobre sua trajetória:

Mas já no dia seguinte os versos apareceram com seu título definitivo, "Vida, Paixão e Drama do deputado Tenório", e situados na contracapa (espaço nobre das reportagens sobre problemas enfrentados pelas classes populares), onde passaria a ser contada diariamente a saga do "bravo sertanejo". Com desenhos de Arno Voigt, tinha o formato das histórias em quadrinhos. Em capítulos, a vida "heróica" de Tenório era o folhetim da *Luta Democrática* e chegou a ter chamada na primeira página.²⁰

18. SIQUEIRA, Carla, em trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, realizado em Belo Horizonte.

19. _____. *O sensacional, o popular e o populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954)*.

20. Id. *Ibid.*

A adesão de Tenório à causa de Lacerda serviu para fazer do povo da Baixada e das regiões limítrofes com a cidade do Rio parte da massa popular que acompanhava com expectativa a queda de braço entre os dois poderes. Como jornal popular, a *Luta* não tinha peso como formadora de opinião entre a elite, mesma situação de *O Dia*, mas suas manchetes e a forma irreverente de transmitir a informação cativavam o leitor.

Naquela época havia realmente uma polaridade no Rio, e a *Ultima Hora* e a *Tribuna* eram parte disso. Mas os outros jornais não tinham isso nesse grau. Eu me lembro de uma manchete da *Luta Democrática* que parecia até um samba de Noel Rosa... O sujeito mancheteou assim: "Chegou em casa, pensou que a mulher estivesse com dor de dente e foram os três parar na delegacia". Isso é fantástico, nunca esqueci! O sujeito chegou em casa, a mulher estava "ai, ai, ai", ele disse: "Ah, coitadinha, está com dor de dente, vou socorrer", mas quando abriu a porta, dizia o texto, "deparou-se com o inusitado da cena..." É um gênio o cara que fez esse título!²¹

Tenório, dentro de suas limitações, usava as armas que tinha. Até os mesmos versos que exaltavam, serviam também para ironizar os inimigos, entre eles, Vargas.

Na *Luta Democrática*, sob o título "Cantando e Rindo", eram publicados versos similares, também acompanhados da imagem do violeiro. Publicados na primeira página ou na contracapa, os versinhos serviam à batalha do udenista Tenório Cavalcanti contra Vargas, como no exemplo publicado em 4 de maio de 1954:

"O novo salário mínimo, de cujas conseqüências os próprios beneficiados estão com medo, foi recebido como puro ato pré-eleitoral.

Não adianta o velhinho
 Querer voltar ao cartaz...
 Se o salário veio agora,
 Eleição vem logo mais."²²

21. COUTTO, Pedro do. Depoimento ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas

22. SIQUEIRA. Op. cit.

Um dos pontos de maior efervescência na história da *Tribuna* foi durante a eleição para governador do estado da Guanabara, em 1960. Lacerda, pela UDN, liderou o pleito de ponta a ponta, representando os setores tradicionais e conservadores. Seu maior rival era Sérgio Magalhães, candidato representante da ala esquerdista do PTB, e apoiado pelo Partido Socialista. Percebendo a demora da massa eleitoral em escolher um candidato, muitos afirmam que a direita resolveu lançar Tenório, pelo pequeno Partido Rural Trabalhista. Assim, evitariam a dicotomia entre os eleitores: quem é elite vota no Lacerda, quem é popular apóia o Sérgio. Isso porque Tenório, com seu perfil excêntrico e oratória popular, tendo como apoio um jornal próprio, teria grande infiltração junto às camadas mais pobres. E foi o que aconteceu. Depois de uma das mais calorosas campanhas já vistas no país, Lacerda ganhou com 36%, Sérgio ficou com 33%, seguido de Tenório, com 20%, e Mendes de Moraes (5%).



Arquivo da Biblioteca Nacional

22/11/1960: O político Tenório Cavalcanti usa abertamente seu jornal, *Luta Democrática*, para atacar desafetos e divulgar sua candidatura. Nas páginas, havia a publicação diária do roteiro de seus eventos.

A *Luta Democrática* teve peso, sim. Naquele tempo a *Luta* rivalizava com *O Dia*, depois foi que começou a perder. Era um jornal de escândalos, de manchete, mas era um jornal que influía. Vendia uns 80 mil exemplares no Rio, mais ou menos, muita gente lia, tinha aquele negócio do "homem da capa preta", crimes, essas coisas. Manchetes às vezes interessantes, muito bem-feitas, dentro da linguagem que o jornal colocava. Ninguém de jornal tinha preconceito contra um jornal que atuasse daquela maneira, na área do crime. Contra a imprensa marrom, aquelas revistas *Confidencial*, *Escândalo*, sim. Mas contra a *Luta*, não. Era um jornal diário, vibrava muito, seus leitores acompanhavam a candidatura do Tenório. Era uma ocasião de grande vibração na política do Rio.²³

E a *Luta Democrática* disparava, esta sim, como uma metralhadora, contra os concorrentes de Tenório:

A candidatura de Lacerda é financiada pelos trusts internacionais responsáveis pela miséria e atraso do povo brasileiro.

(...) A candidatura de Sérgio é financiada por um grupo econômico que vem forçando a alta do custo de vida e conseqüentemente empobrecendo o povo carioca (...) tem ainda a ajudá-la o dinheiro do Fundo Sindical roubado ao trabalhador para beneficiar um fracassado morcego comunista que abana as asas para refrescar a dor da ferida quando suga o sangue da pobreza.²⁴

Na promoção pessoal direta, Tenório fazia promessas de dias melhores e tocava os eleitores mostrando-se conhecedor de suas maiores mazelas.

Criaremos mercados livres, isentaremos do imposto de vendas e consignações os gêneros de primeira necessidade, ampararemos o lavrador do sertão carioca (...)

23. Id, *ibid.*

24. *Luta Democrática*, 20/9/1960.

convocaremos as forças armadas para porem os seus transportes no serviço de abastecimento de gêneros deste estado (...) Com Tenório no governo o peixe baixa de preço. Ou baixa ou mando baixar o pau no lombo dos exploradores do povo.²⁵

Depois da derrota, Tenório incluiria na lista de inimigos o governador Carlos Lacerda. Ele rompeu os últimos laços com o partido onde construiu sua carreira, a UDN, migrando para uma pequena legenda, o Partido Social Trabalhista.

Em 1961, Tenório apoiou a posse de João Goulart, diante da renúncia do então presidente Jânio Quadros. Defendeu uma política externa independente e mesmo a reforma agrária, apesar da resistência inicial.

Realizada a fusão, com o surgimento do estado do Rio de Janeiro, em 1962, Tenório mais uma vez se candidatou a governador, dessa vez apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro, e perdeu.

Conforme o clima se acirrava, com o crescente poder dos militares, Tenório denunciava, pelo jornal, a miséria do povo:

Ninguém que acompanha e observa a política nacional ignora que os dois maiores adversários do bem-estar do povo brasileiro são os grandes grupos econômicos internacionais e o latifúndio.²⁶

Apesar de ser conhecido em todo o Brasil, Tenório não constituiu uma teia de seguidores políticos. Seu grupo não passava de capangas armados e um primo que conseguiu eleger prefeito na Baixada. Outra curiosidade, é que nunca ocupou cargos no poder executivo, apesar de ter sido o *rei* de Duque de Caxias. A professora do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, Marly Motta, discorre sobre o assunto:

Tenório, pelas suas características pessoais: alagoano, em Caxias, com acusações de morte, era uma figura pouco comum num ambiente político. Ele se vestia com uma capa preta, e metralhadora que costumava

25. Id. 15/9/1960.

26. *Luta Democrática*. 7/1/1964.

chamar de Lurdinha. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil mandou um grupo de militares para lutar na guerra e a mulher de um deles se chamava Lurdinha e era muito faladeira. Como a metralhadora dispara, Tenório a apelidou com esse nome. Ele não tinha condições de viabilizar ou arregimentar, grupos, pessoas, projetos. Na verdade, o jornal era uma propaganda pessoal. Tenório era um líder de si próprio. No caso de Carlos Lacerda e Chagas Freitas, o jornal serviu para construir redes, sustentar projetos políticos, candidaturas... São políticos que construíram carreiras políticas sólidas. Tenório nunca pôde fazer de seu jornal plataforma para nada, a não ser ele, porque ele não tinha nada a oferecer em termos de carreira.²⁷

Durante a ditadura, em junho de 1964, Tenório teve os direitos cassados. Assim como todos os que participaram do movimento de resistência, só em 28 de agosto de 1979 foi beneficiado pela anistia. Mas já era tarde. O homem da capa preta, abatido, vendeu o jornal. Caxias havia mudado, com novos líderes comunitários. Na política, não havia mais lugar para um perfil exótico, como ele. E Tenório não conseguiu retornar às páginas dos jornais.

Corpos denunciam requintes de crueldade

LUZ E O EMPREGADO MORTOS A PAULADAS

eGoguinhas e Alfredo mataram por vingança - Homens-êis içaram os corpos cheios de pedras - Polícia volta a caçar eGoguinhas - Virada sensacional no caso. (Leia na pág. 5)

Fundador: OSMAR FREITAS. Diretor: OTAVIO PAULINO

O DIA

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS

10 CENTAVOS

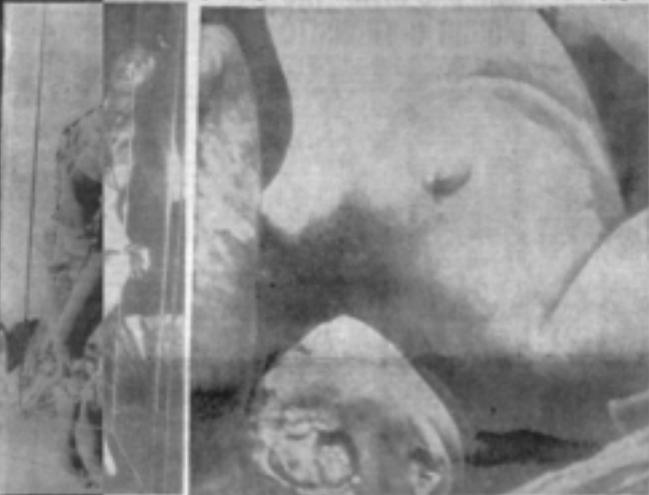
Redação e Administração: Rua Maranhão, 110 — Tel. 22.7711 (1000 linhas)

400.000 No de Inscrição, 20474-1, 7 de Agosto de 1967 N. 6.002

Bomba explodiu na sede dos Voluntários da Paz



Enfermeiras atrás da porta de emergência — Bombeiros levam a sala de emergência — Neta da Embaixada dos EUA — Refugiados (Foto: ...)



Essa foi Praga, em 1944, trilhava sua prisão. Seu cadáver apresenta sinais de violência

Fumo, vício empistolado e desafiador

A indústria do fumo é uma das mais importantes do Brasil. Ela produz o fumo que é usado para a fabricação de cigarros e de charutos. O fumo é produzido a partir do tabaco, que é cultivado em grandes áreas. O fumo é então processado e transformado em produtos como cigarros e charutos. O fumo é um vício muito comum e é considerado um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de doenças como o câncer e a doença pulmonar obstrutiva crônica. A indústria do fumo é também muito lucrativa e é um dos principais setores da economia brasileira.

INSTIGADO PELA IRMÃ ELIMINOU O PEDREIRO

Filho de um rico empresário — vítima deslembra quebra de um vilarejo — Filha do vilarejo trilha ao tempo. — (F. ...)

NOSSA SENHORA APARECEU EM NATIVIDADE DO CARANGOLA A UM MÉDICO CATÓLICO

© Dr. Frazão Cunha, em São Paulo, sacerdote da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, em 1967. — (F. ...)

Chagas Freitas, O Dia e A Notícia

O ano era 1967. Em 2 de agosto, todos os jornais estampavam a notícia de que havia sido encontrado na Baía da Guanabara o corpo da atriz, vedete, naturista e mito Luz Del Fuego, morta havia 13 dias. Porém, apenas um exibia a foto do cadáver: *O Dia*, de propriedade do então governador Chagas Freitas. O repórter Luarlindo Ernesto, 61 anos, lembra como a exclusividade foi garantida. Na rota entre o porto, onde o barco atracou, e o Instituto Médico-Legal, onde o corpo seria periciado, o rabecão da polícia, comandada pelo estado, fez uma rápida parada na garagem do jornal. O fotógrafo, já a postos, garantiu o registro, liberando o carro para seguir seu destino inicial. No dia seguinte, o matutino vendeu como água.

Talvez nenhum político tenha conseguido imprimir tão bem nas páginas do jornal a forma peculiar de fazer política como Chagas Freitas. Usando como ferramentas *A Notícia* e *O Dia*, ele não apenas se tornou deputado federal e governador, como também construiu uma máquina azeitada, que garantia sua liberdade de atuação com maioria na Assembléia Legislativa e representantes na esfera nacional.

Do início ao fim da vida, Chagas esteve intrinsecamente ligado ao jornalismo. Conhecido como político de fraco desempenho no palanque, conseguiu arregimentar expressivo número de eleitores com a força de sua caneta. Na faculdade de Direito, discípulo do professor Castro Rebelo, discutia textos marxistas ao lado de Carlos Lacerda e futuros nomes da elite intelectual, como Evandro Lins e Silva. Desde então já embalava suas ambições políticas.

Formado em 1935, Chagas, filho do desembargador Antônio José Ribeiro de Freitas Júnior, atuou na advocacia, chegando a ser representante jurídico da Polícia Militar. Ele dividia seu tempo pelo jornalismo – começou aos 14 anos, cobrindo turfê –, função que garantia vitrine para jovens desconhecidos e pelo contato com personagens políticos poderosos. Em plantões, à noite, era responsável por receber as notícias que chegavam pelo telégrafo.

Até que em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas comandou um golpe militar, implantando o Estado Novo. Ele só viria a ser deposto em outubro de 1945, pelas mesmas forças militares que o levaram ao poder. Muitos amigos e professores de Chagas, como Castro Rebelo, foram presos, e outros, como Lacerda, fugiram. Com as fortes pressões sofridas, começava então o distanciamento do futuro governador relativamente aos ideais de esquerda e, principalmente, a consciência de que o poder não viria por meio da pouca e calejada projeção que poderia lhe dar um partido esquerdista.

O destino de Chagas desenhou-se definitivamente quando, designado pelo jornal *A Tarde*, em 1938, fez longa entrevista com o novo interventor federal do Estado de São Paulo, Ademar de Barros, considerado o pai do populismo. Naquele momento, firmou-se uma parceria que iria terminar, anos depois, em desavenças.

Em 1939, coube ao então interventor do Estado do Rio e genro do presidente Getúlio Vargas, Ernani do Amaral Peixoto, nomeá-lo, por indicação, para o Ministério Público. Passadas três décadas, os dois se transformariam em inimigos ferrenhos, briga em que Chagas ganharia a adesão de Tenório Cavalcanti e seu jornal na Baixada Fluminense, a *Luta Democrática*. Designado juiz de paz da Comarca de Maricá, Chagas logo chegaria a promotor em Brasília, por indicação do primo, Carlos Chagas Filho.

Apoiado por Ademar, em 1950 lança a candidatura para a Câmara dos Deputados pelo PSP (Partido Social Progressista). Por uma diferença de 29 votos, perde para o médico e deputado Benjamin Farah, que tinha como principal bandeira o apoio aos servidores públicos. A lição não seria esquecida. Além da preocupação exacerbada com o desempenho eleitoral em todas as eleições disputadas até o fim de sua carreira, Chagas levou o tema do funcionalismo público para as páginas de *O Dia* e *A Notícia*, tema até hoje explorado por jornais populares.

A viúva de Chagas, Zoé Noronha Chagas Freitas, conta que a oportunidade de comprar o jornal *A Notícia*, um vespertino destinado às camadas populares, surgiu quando seu pai, o banqueiro Matheus Martins Noronha, recebeu de um amigo a proposta de comprar o periódico. Cândido Campos havia voltado de um auto-exílio na França, motivado pelo fim da República Velha e a deposição de Washington Luís. Nesse tempo, segundo Zoé Noronha Chagas Freitas, Matheus teria ajudado Cândido financeiramente:

Meu pai era amigo do grupo da República Velha. O dono de *A Notícia* era muito amigo do meu pai. Graças ao meu pai, em 1930, *A Notícia* não foi empastelada. E o Cândido permaneceu como político exilado em Paris. Meu pai recusou a oferta da compra do jornal, porque estava construindo a ponte Brasil-Argentina, o negócio não o interessou. Mas ele indicou Chagas como comprador, que propôs o negócio ao Ademar. Todos imaginam que *A Notícia* adotou aquela linha popular com o Chagas. Mas, na verdade, quando Cândido estava em Paris, notou que havia um jornal que na primeira página retratava todos os crimes e fazia muito sucesso. Ele adotou a mesma fórmula quando voltou para o Brasil, um pouco antes da venda.²⁸

Cândido manteve, de 1924, quando assumiu o jornal, até seu exílio, uma linha editorial obediente ao governo. Tanto que, em 1930, com a vitória da revolução, leitores incendiaram a redação do periódico. O jornalista político Villas-Bôas Corrêa, que iniciou sua carreira em *A Notícia* e lá permaneceu na gestão de Chagas Freitas, explica as motivações que fizeram Cândido Campos vender o jornal:

Comecei na *Notícia* em 1948. Cândido Campos raramente aparecia na redação. Quem conduzia o jornal era Silva Ramos, meu professor primário de jornalismo. *A Notícia* era um jornal vespertino que tinha uma redação funcionando num conjunto de lojas na avenida Rio Branco, entre a Sete de Setembro e a Carioca. O jornal rodava na oficina do *Diário de Notícias*, na rua da Constituição. Até que nos mudamos para uma sede própria, na rua Marechal Floriano, com uma oficina muito precária, composta por máquinas usadas. Cândido ficou preocupado com as dívidas que a empresa assumiu para fazer as mudanças. Ele já estava

cansado e soube que teve medo de deixar em dificuldades a viúva. Por isso, vendeu o jornal para Ademar de Barros. Candidato a presidente da República, Ademar queria ter um jornal popular no Rio. *A Notícia* de Cândido foi sempre curiosa, por ser popular, mas muito longe dessa linha escrachada. A manchete era um artigo sobre um assunto político. Mordia os calcanhares de *O Globo* em tiragem. Pesava na balança popular, era de boa feitura, só a última página tratava de crimes. Em geral, as matérias eram discretas, atropelamento, coisas assim... Só quando havia um grande crime dava manchete.²⁹

Ademar pretendia disputar as eleições presidenciais em 1955. Ele não desconfiava que seria ludibriado por Getúlio numa manobra política. Chagas começava a traçar uma estratégia que o consagrasse nas urnas em 1954, pavimentando sua carreira. Em outubro de 1950, a dupla comprou *A Notícia*, trazendo para a primeira página, entre crimes e histórias sensacionalistas, manchetes de impacto sobre política.

Foi depois de perder a eleição que Chagas bolou como deveria usar o jornal para a campanha dele e do Ademar, para presidente. Mas ele, Ademar, nunca participou do jornal, só foi lá uma vez. Chagas levou seus dois grandes amigos jornalistas, Othon Paulino e Thassilo Sampaio Mitke, para trabalhar com ele. E começou então a escrever artigos diários sobre problemas da população. Chagas escrevia rápido, sem fazer rascunho, diretamente na máquina de escrever, usando apenas os dois dedos indicadores. Muitas vezes escrevia o artigo em casa, de manhã cedo. Aí ele se elegeu em 1954. E inicia-se uma idéia dele, uma constante no país, de se fazer campanha política através de jornal.³⁰

29. CORRÊA, Villas-Bôas. Entrevista para os CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

30. CHAGAS FREITAS, Zoé. Id.

Segundo o jornalista Villas-Bôas Corrêa, as mudanças das alterações promovidas por Chagas Freitas e seus auxiliares em *A Notícia* fizeram a tiragem aumentar para 100 mil exemplares. Interessados em se aproximar do ex-governador paulista investiam em anúncios, fazendo do jornal “uma máquina de fazer dinheiro”.



Arquivo da Biblioteca Nacional



Arquivo da Biblioteca Nacional

5/9/1950 (à esquerda): O jornal *A Notícia*, ainda sob a tutela de Cândido Campos, denuncia o uso ilegal dos carros usados por autoridades do governo. **10/10/1950** (à direita): O jornal *A Notícia*, agora propriedade de Ademar de Barros e Chagas Freitas, ataca o ex-prefeito Henrique Dodsworth. Na primeira página, a divulgação do encontro político de Ademar com Getúlio Vargas, eleito presidente.

Uma das primeiras campanhas desencadeadas pela nova direção teve como alvo a administração do prefeito do Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes. A nomeação de Mendes de Moraes pelo presidente Dutra em junho de 1947, representara uma forma de intervencionismo militar na política da cidade. Assumindo a prefeitura em um período em que os candidatos do Partido Comunista lideravam as votações para o Senado e para a Câmara Municipal, Mendes de Moraes imprimiu sua marca autoritária nas esferas políticas e administrativas da capital. Embora

filiado ao PSD, o prefeito suscitou muitas indisposições, mesmo entre seus correligionários, o que inviabilizou sua sustentação frente aos meios políticos cariocas. *A Notícia* resolveu marcar seu ingresso nas discussões políticas elegendo como adversário um líder desgastado e cujo destino parecia selado pela aproximação da data da posse do novo presidente, que certamente o substituiria por alguém do seu círculo de confiança. Esse movimento inicial evidenciava a política editorial que seria adotada pela nova direção do jornal: defesa dos interesses populares e campanhas de denúncias com alvos imprecisos ou dirigidas a atores políticos que se encaminhavam para o ostracismo.³¹

Menos de um ano depois, em 5 de junho de 1951, chegaria às bancas a primeira edição do jornal *O Dia*. Entusiasmado pelo sucesso de *A Notícia*, Chagas resolveu aproveitar a ociosidade das rotativas e sugeriu a Ademar a criação de um matutino, pertencente apenas a ele, que cumprisse a mesma missão do primeiro jornal: projetar o nome de ambos no cenário político, influenciando a população do então Distrito Federal.

A Notícia era vespertina e o Chagas sempre quis lançar um matutino. Com o Othon Paulino ele dobrou a tiragem da *Notícia*. *O Dia* chegou a ser a maior tiragem do Brasil. Chagas primeiro pensou em comprar um outro jornal. O Othon o aconselhou a comprar o nome da *Crítica*, um jornal que havia pertencido ao pai do Nelson Rodrigues [Mário Rodrigues]. Só que eu disse para eles: "Não, a *Crítica* já vem com um peso de desgraça muito grande. Nessa ocasião havia no Rio um jornal chamado *A Noite*. Eu sugeri: "Que tal *O Dia*?" Eles acharam ótimo.

Sou professora, tive um colégio em Copacabana. Chagas pediu para eu fazer os primeiros cartazes de propaganda do jornal, pois o dinheiro era pouco. Um deles era um sol laranja.

31. SARMENTO, Carlos Eduardo, pesquisador do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas. *A Notícia, O Dia e a vitória de 1954*.

No dia em que *O Dia* ia ser rodado pela primeira vez, saí do Theatro Municipal com um vestido longo, acompanhada de uma amiga. Paramos num botequim e comprei uma champanhe. Levei para os operários jogarem nas máquinas. Meu marido quase me matou: porque eu estava com vestido longo, jóias. Mas os operários adoraram. Ficaram encantados.

Ele me convidou para escrever no jornal, eu fazia uma coluna. Mas o Chagas Freitas era muito mandão, cortava meus escritos sem dar explicação e aí dava briga. Eu ficava danada da vida, até que falei que não queria mais.³²



Arquivo da Biblioteca Nacional

5/6/1951: O jornal *O Dia*, matutino, dirigido por Chagas Freitas, que roda na mesma gráfica que *A Notícia*. Popular, buscava traduzir em suas páginas as reivindicações das camadas mais baixas, classe de eleitores que Chagas almejava conquistar.

Para fidelizar os eleitores, Chagas investiu em textos carregados de apelos emocionais, polarizando situações por meio de uma análise simplista dos fatos cotidianos, dividindo o mundo entre o bem e o mal. Em seus artigos, evocava o patriotismo e vendia a imagem de um homem obstinado em denunciar as mazelas do povo e reduzir as diferenças sociais. Ele inaugurou uma coluna diária no periódico em abril de 1954, ano da eleição. Na manhã das eleições, como destaca Carlos Eduardo Sarmento, “o apelo se tornou mais dramático”.

Eu não penso na sorte das candidaturas que dentro de poucas horas estará selada em definitivo, inclusive a minha, nascida de uma imposição partidária, mas inspirada desde as suas mais remotas origens pela vocação de um destino irremediavelmente consagrado ao serviço das massas espoliadas ou iludidas: penso no Brasil, penso no povo. É para ele, portanto, que elevo os meus olhos neste momento grave e solene. (...) Derrotado, não terei amarguras, porque as cidadelas de *O Dia* e *A Notícia* aí estão para que nelas prossiga a minha obra vocacional em prol dos pequeninos, dos humildes, dos fracos, dos injustiçados, dos perseguidos e de quantos, enfim, bracejam pelo direito sagrado a uma vida melhor numa Pátria mais feliz.³³

As matérias seguiam a mesma linha, misturando temas sobre política, sexo, religiosidade e violência. Para ganhar respeitabilidade, ao novo jornal cabia a missão de provocar mudanças rápidas, mesmo que em pequenos universos, incitar medidas de impacto da parte do poder público. Para isso, uma das fórmulas que melhor funcionou foram os *comandos parlamentares*. Uma equipe formada pelo repórter Villas-Bôas Corrêa, um fotógrafo e três parlamentares fazia visitas sem aviso a instituições públicas, como asilos e cadeias. O resultado sempre garantia ao jornal uma matéria com variadas denúncias de irregularidades e maus-tratos. E, aos políticos participantes, cabia a cobrança de providências e punição aos responsáveis.

33. CHAGAS FREITAS. "Pensemos", texto publicado em sua coluna, no dia 3/10/1954.

O primeiro secretário de *O Dia* era o Santa Cruz de Lima. Ele me disse: "Ô Villas, esse negócio de partido aqui, no tipo de jornal que eu vou fazer, que vai ser um jornal muito popular, é muito chato. Vê se bola uma coisa mais popular". Eu então aproveitei a fórmula que o Heráclio Salles criou com Café Filho no *Correio da Manhã*, numa faixa mais nobre, mais elitista, e resolvi ampliar para temas populares: "Vamos fazer reportagens com parlamentares" – era o meu encaixe. E assim criamos os comandos parlamentares de *O Dia*.

Como é que funcionava? Às quartas-feiras, eu marcava encontro com dois, três deputados, raramente com senador. Não necessariamente do Rio – usei muitos parlamentares de outros estados. Mas era mais fácil o deputado do Rio, porque ele, evidentemente, tinha interesse em aparecer. Breno Silveira, por exemplo, que era um deputado muito bem-disposto, praticamente passou a ser efetivo nos comandos. Estava sempre pronto. Mas eu dosava e variava muito, porque dependia do assunto. Por exemplo, na faixa de penitenciária, de distrito etc., levava o Tenório Cavalcanti porque era um show à parte. Durou uns três anos essa história de comandos. Parou quando Chagas Freitas entrou na política, porque se criou uma situação de constrangimento.³⁴

A estratégia deu certo. Em 3 de outubro de 1954, Chagas Freitas foi eleito com 11.250 votos para a Câmara dos Deputados. Seu poder dentro do partido aumentou e seu gabinete no jornal tornou-se palco de costuras políticas. Atraídos pela possibilidade de ganhar espaço nas páginas, Chagas começou a ser procurado por nomes públicos do cenário carioca.

Gradativamente, *O Dia* foi cooptando os leitores de *A Notícia*, que já não recebia a mesma atenção. A situação agravou-se quando Chagas e Ademar romperam politicamente. Como resposta, depois de voltar de um exílio forçado ao Brasil, Ademar de Barros descobriu que Chagas Freitas

34. CORRÊA, Villas-Bóas. Entrevista ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

havia se tornado o sócio majoritário de *A Notícia*. Isso, graças à compra de cotas da empresa.

No início de março de 1956, o ex-governador foi condenado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo a dois anos de reclusão no processo sobre a compra irregular dos automóveis Chevrolet. Numa série de lances rocambolescos, conseguiu fugir para o Paraguai, de onde rumou para a Bolívia. Durante o período em que Ademar esteve fora do país, o PSP perdeu o controle da máquina administrativa da capital paulista, com a renúncia, em abril de 1956, do prefeito Lino de Matos, que estava ameaçado de perder suas imunidades parlamentares em virtude do recurso de Jânio Quadros ao Senado.

Em 9 de maio de 1956, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu *habeas corpus* a Ademar, permitindo sua volta. Esse fato foi habilmente explorado por seus correligionários, que o apresentaram como "vítima inocente" e mandaram celebrar uma missa em ação de graças, assistida por cerca de 12 mil pessoas na catedral da Sé.³⁵

Ademar entrou na Justiça contra Chagas, num processo longo. E terminou sua vida desabafando a todos a mágoa pela "traição". Mas a viúva de Chagas, Zoé, levanta um outro motivo, de caráter pessoal amoroso, que teria contribuído para a dissolução da sociedade:

Quando houve o rompimento, Ademar quis ficar absoluto no jornal. Mas meu pai havia protegido Chagas, instruindo-o sobre o contrato da sociedade. Ademar queria colocar no jornal a amante dele, que se chamava Gimol [Ana Gimol Benchimol Capriglione]. Nessa ocasião, havia uma mulher que ficou muito famosa no Rio de Janeiro, era mulher do Paulo Bittencourt

35. ABREU, Alzira de, & BELOCH, Israel (coords.). *Dicionário Histórico Brasileiro Pós-1930*.

[Niomar Bittencourt], que tomou conta do *Correio da Manhã*. A outra era a Condessa [Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro], do *Jornal do Brasil*. Então o Ademar quis lançar a Gimol como a terceira mulher a tomar conta de um jornal. Imagine... Com a base jurídica que Chagas tinha, manteve a sua condição e pôde fazer o que a lei permitia a ele, já que era o único com o direito de aumentar as cotas.³⁶

A popularidade de Chagas aumentava a passos largos, impulsionado pelo contato direto com o eleitor, diariamente, pelo jornal. Para se ter uma idéia, em 1950, Chagas perdeu por 21 votos para Benjamin Farah. Em 54, três anos depois de comprar *A Notícia*, conseguiu se eleger. Ficou com 11.250 votos e Benjamin com 15.471. Na eleição de 1958, a semente



Arquivo da Biblioteca Nacional

6/6/1951: Na capa de *O Dia*, chamada para a série de reportagens "Comandos Parlamentares" ganha destaque. Grupo de legisladores visitava locais em estado precário, acompanhado de jornalista, e cobrava providências para os problemas detectados.

plantada deu resultados: Chagas obteve pelo PSP 94.999 votos e Benjamin 16.099. A partir desse resultado, vôos mais altos foram traçados, como o cargo de deputado federal e, mais adiante, o de governador do estado.

Chagas Freitas sentiu que as classes pobres, naquela ocasião, atendiam muito melhor ao comando publicitário no sentido da eleição do que as classes médias. A força não política, mas eleitoral, de *O Dia* era muito maior do que a força eleitoral de *O Globo* ou do *Jornal do Brasil*. *O Globo* e o *Jornal do Brasil* não elegeriam ninguém. Ninguém é força de expressão, elegeriam um. Mas Chagas Freitas elegia seis, sete, com *O Dia*. Por quê? Porque o leitor de *O Dia* era um leitor muito mais propenso a seguir o comando daquela corrente que o jornal representava, sintetizava, do que o leitor de *O Globo* ou do *Jornal do Brasil*. E assim ele utilizou o jornal.³⁷

A tática de Chagas para garantir vitória ao seu grupo passava também pela manipulação de pesquisas eleitorais, muitas vezes de fontes desconhecidas. Prática essa hoje coibida pelo Tribunal Regional Eleitoral, que lista uma série de exigências para que os resultados sejam divulgados nos jornais.

Chagas também usava muito bem a divulgação das pesquisas. Ele e Amaral Neto disputaram o candidato mais votado para deputado federal. Ele fazia matéria citando apenas Amaral e Chagas, para polarizar as duas áreas: Amaral como o candidato das elites, ligado a Lacerda, e ele como o candidato popular. Essa esper-teza, o Chagas tinha muito. Ele estava na Câmara, aparecia um projeto popular, ele assinava e no dia seguinte anunciava no jornal "projeto assinado por Chagas Freitas", como se fosse dele a iniciativa de criação.³⁸

37. COUTTO, Pedro do. Depoimento ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

38. CORRÊA, Villas-Bôas. Entrevista aos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

A professora Marly Motta, da Fundação Getúlio Vargas, explica por que para Chagas era importante consolidar não só sua vitória, como a do grupo que o cercava:

Chagas publicava em *O Dia* e *A Notícia* uma lista dos possíveis mais votados. É importante lembrar que, nessa época, o trabalho do Ibope era muito restrito e as campanhas eleitorais não eram essas fortunas. Havia uma verdadeira luta para entrar nessa lista, que era meio caminho andado para ser eleito.

Chagas também abria seu jornal para artigos e matérias de jornalistas que viravam políticos. O deputado federal Miro Teixeira é um exemplo. O queridinho do Chagas, quando Miro surgiu, era o Marcelo Medeiros, e ele foi recordista de voto como deputado. Miro entrou e tirou o lugar de Medeiros. Eles tinham colunas no jornal. Uma coisa que temos que ficar atentos: as pessoas não tinham dinheiro para grandes campanhas. A campanha era feita pelos donos dos jornais. Assim, existia a bancada de *O Dia*. Assim se fez a construção da máquina chaguista.³⁹

O depoimento do jornalista Paulo Branco confirma o uso das listas de pesquisas eleitorais com o fim de promover campanhas de aliados:

O Chagas Freitas, ao mesmo tempo que tinha um lado bom, de preocupação com a cultura, de preocupação em manter o serviço público funcionando, se lixava para a questão ideológica. Era um populista, só queria o poder e tinha práticas muito ruins. Pelo voto, fazia qualquer papel. Todo mundo se queixa das pesquisas de opinião que são feitas hoje. *O Dia*, que sempre foi um jornal fortíssimo, juntava uns deputados ligados ao Chagas Freitas e fazia uma pesquisa falsa, listava os 50 mais votados a critério dele e publicava. Lá no meio, no

39. MOTTA, Marly. Entrevista aos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

42º lugar, eles botavam um cara de esquerda para legitimar a pesquisa.

Botavam o resultado na rua, todo mundo acreditava, e acabava dando certo! Todo mundo era eleito!⁴⁰

Além da maquiagem feita nas pesquisas, também existia a manipulação dos fatos, como mostra a história contada por Branco, a seguir:

Chagas era uma figura assim. Comandava com mão de ferro um partido em que ele botava as pessoas que queria nos lugares que queria. *O Dia* ajudava inventando fatos, passeatas do MDB que nunca aconteceram: "A passeata vai sair de tal lugar, passar por tal lugar e desembocar em Copacabana, na Zona Sul..." Nunca saiu passeata nenhuma! Tem até uma história muito engraçada, do Benjamin Farah, que foi para uma esquina do bairro de Fátima esperar a passeata, ficou de 9 horas às 11 horas e depois, no dia seguinte, leu que a passeata tinha passado. "Como é que eu não vi essa passeata?" O Chagas: "Você chegou tarde..."⁴¹

A época da ditadura tornou-se próspera para o jornal. Chagas mantinha bom relacionamento com os militares e a censura causou um esvaziamento dos jornais, impedidos de debater livremente o cenário político. Assim, *O Dia*, jornal popular, com foco em notícias excêntricas e violentas, ganhou espaço entre os eleitores.

O Dia e *A Notícia* eram jornais populares, que tinham informações e notícias que atingiam setores que tinham nível de escolaridade menor. Eram questões que estavam ligadas ao cotidiano e à mentalidade política do grupo de leitores ao qual se dirigiam. O auge dos jornais *O Dia* e *A Notícia* aconteceu na virada dos anos 60 para os 70, e não nos anos 50. Falo sobre a operacionalidade política, porque Chagas vai se tornar uma

40. BRANCO, Paulo. Depoimento ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

41. Id. *ibid.*

figura central na política carioca nessa virada. Ele sempre foi bem votado, tem vários mandatos.

O Dia e *A Notícia* tiveram um papel fundamental para isso. Eles tinham uma coluna diária voltada para trabalhadores de baixa renda, mas, principalmente, para funcionários públicos. Na capital federal, era um eleitorado muito forte. Eles focavam o aumento do fun-



Chagas Freitas.

cionalismo e o que hoje seria o direito do consumidor, demandas de cidadania.

A grande alavanca do jornal foi quando, em 64, veio o golpe e grande parte da elite política da esquerda foi cassada. Os jornais foram censurados, perdendo sua força. Ficou o Chagas à mercê de sua habilidade política extraordinária, com um campo político devastado pelos atos institucionais arbitrários dos militares. *O Correio da Manhã* perdeu seu ímpeto de jornal de oposição.

Houve um esvaziamento dos canais de representação com as intervenções. Isso abriu caminho para Chagas, e aconteceram os picos de venda de *O Dia* e de *A Notícia*. A eleição do Chagas, como a de todos os governadores, era indireta, na Assembléia Legislativa, e ele usava o jornal como alavanca para se eleger e a seu grupo.⁴²

Apesar da boa relação de Chagas com a ditadura, os jornalistas de *O Dia* nunca sofreram discriminação por parte dos companheiros de apuração dos jornais concorrentes.

Nós tínhamos uma resistência, até de ordem, vamos dizer, ideológica – não quero atribuir à palavra ideológica o peso de uma opção de esquerda –, ao estilo de atuação do Chagas Freitas, mas não aos jornalistas de *O Dia*. Não havia motivo. Até porque nós temos consciência – digo por mim, mas tenho a certeza de interpretar a maioria – de que somos empregados dos donos de jornal. Nós temos que fazer aquilo que eles mandarem, ou interpretarmos como a vontade deles.

Você sente isso no ar. Trabalhar no *Correio da Manhã* era uma coisa, trabalhar em *O Globo*, como eu trabalhei também, era outra. Você tem que ter muito mais cuidado no *Globo*. Sem você sentir, isso influi no seu ímpeto.⁴³

42. MOTTA, Marly. Entrevista aos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

43. COUTTO, Pedro do. Depoimento para do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

Consolidado governador, Chagas trabalhou para formar maioria na Assembléia Legislativa. Foi durante uma campanha que ele conheceu um jovem repórter a quem projetaria a ponto de torná-lo o então deputado federal mais votado da história. Miro Teixeira representaria a população do Rio na Câmara Federal, em 1978, com 536.661 votos. Em segundo lugar, também pelo MDB, veio Marcelo Medeiros, igualmente apoiado por Chagas, com 98.680 votos.

Eu era diretora da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Ia ser feita uma campanha. Não tinha televisão. O meio de comunicação se resumia a jornais e revistas.

Escrevia os press-releases, mas, ao mesmo tempo, cuidava da casa, organizava as mesas de conferências, era muito pesado. Evitava pedir coisas ao jornal, mas falei com o Santa Cruz, que chefiava os repórteres, que estava precisando de um jornalista para me auxiliar. Ele me falou: "Tenho um foca aqui que eu estou notando que escreve bem. Vai lhe ser útil". Durante dez dias, Miro trabalhou comigo. Pouco tempo depois, meu marido saiu para candidato e o jornalista que sempre o acompanhava havia sido operado. O Santa Cruz disse: "Dr. Chagas, eu vou lhe apresentar um jovem que trabalhou com D. Zoé e ela gostou muito". Ele respondeu: "Se trabalhou com a Zoé, não serve para mim. Ela faz caridade e eu não faço: faço política".

Santa Cruz insistiu. "Ele é um rapaz jovem..." Miro era um rapaz modesto, eles ficaram muito unidos. Chagas gostava muito dele. Ele chamava o Chagas de "chefinho".⁴⁴

Depois de ocupar duas vezes o cargo de governador, Chagas escolheu Miro para sucedê-lo na eleição de 1982. Mas o fenômeno da volta de Brizola, após o exílio, e uma ruptura entre a criatura e o criador condenariam a campanha ao fracasso. Miro cercou-se de um grupo de

44. CHAGAS FREITAS, Zoé. Id.

assessores vinculados à esquerda que foram apelidados de *luas-pretas*. Isso porque corria a idéia de que o pupilo de Chagas era guiado de tal forma pelo grupo, que se eles dissessem que a lua era preta, ele acreditaria.

Chagas tinha no Miro Teixeira um filho. Arrancou a campanha, lançou Miro candidato, mas, de repente, o candidato estava deixando-se levar pelos luas-pretas, começou a enveredar por outro caminho. Convenceram o Miro de que ele era um líder de esquerda e de que o Chagas pesava contra ele. Até que um dia ele participou de um debate na televisão com a Sandra Cavalcanti e reconheceu que o Chagas era um produto da ditadura. Chagas, de fato, embora fosse de um partido de oposição, era mais governista do que muitos governistas. Tinha relações com os meios militares, principalmente com o general Orlando Geisel, que em 71 foi à posse dele no Rio e não foi à de nenhum outro. Houve um problema qualquer, Sizen Sarmento, que era comandante do I Exército, não iria e o próprio ministro disse: "O senhor vai à posse e eu vou também". E foram à posse do Chagas Freitas no Palácio da Guanabara – eu assisti, estava lá.⁴⁵

Magoado com as declarações de Miro, Chagas Freitas se afastou. Ele não usaria o jornal contra seu pupilo, mas tiraria o apoio até então dedicado. Brizola, que surgiu como um grande líder popular, venceu com facilidade. Chagas, já debilitado fisicamente por um problema nos rins, aos poucos perdeu as forças. Segundo Zoé, ele passou durante seu governo por 21 operações, realizadas nos Estados Unidos, e mantidas em sigilo, a seu pedido.

Todas as vezes que ele ia se operar, entregava-me documentos e a chave do cofre. Ele era muito calado. Eu me perguntava como podia ser o mais votado... mas

Chagas sabia falar com o povo, ele era calmo, direto. Nós nos casamos porque ele era um homem muito inteligente, de esquerda, e eu era uma estudante avançada para a época. Naquele tempo, o jornalismo era uma maneira de a pessoa se lançar na vida política, profissional. Muitos grandes advogados começaram como jornalistas.

Ao se tornar governo, ele fazia no jornal uma oposição consentida. Não havia uma crítica contundente, e sim velada. Ele era muito inteligente.

Quando Tancredo foi primeiro-ministro, convidou Chagas para ser ministro da Justiça, e ele não aceitou. Perguntei por que e ele respondeu: "O jornal ainda precisa de mim". Seu problema renal também tinha se agravado. Mais tarde lembrou que, se tivesse aceito, seria afastado por causa do golpe.⁴⁶

Em 1983, Chagas Freitas afastou-se da vida pública e vendeu *O Dia* e *A Notícia* para o jornalista Ary Carvalho. Alegando que o ex-governador passava por uma crise psicológica ao fechar o negócio, a família de Chagas recorreu à Justiça para reaver a empresa. O novo proprietário venceu a batalha. A decisão foi noticiada, através de propaganda, em vários jornais do país.

Babá do Caçula



... e a esposa de ...

Como o governo entregou a Fábrica Nacional de Motores

Previsores do fracasso - Como foi realizada a sub-rogação de capital - O Estado entrou com o dinheiro

PREVISORES DO FRACASSO

... a fábrica de motores de São Paulo, a Fábrica Nacional de Motores, que em 1964 foi entregue ao Estado, e que agora, após um período de administração estatal, se encontra em situação de crise.



... em ...

... a sub-rogação de capital, realizada em 1964, e que se tornou o ponto de partida para a intervenção estatal na fábrica.



O "show" dos caminhões

... a apresentação de caminhões, realizada em São Paulo, e que se tornou um evento de grande importância para a indústria automobilística.

Profissional de refeitura

... de ar, Mendonça de Moraes, e pelo motorista Ivan Lima, e a indústria de motores paga não tem bombardeado.



As memórias do meu marido

por Eleanor Roosevelt

... a morte do meu marido, Franklin D. Roosevelt, e a importância da sua obra para o mundo.



27 minutos para viver

Afastado o presidente da República pela centralização - Aos cuidados de um subalterno do Catete os principais problemas

... a centralização de poderes e a falta de autonomia para os ministros.

... a situação política e a necessidade de reformas estruturais.

... a importância da comunicação e da transparência na administração pública.

o leitor

... comentários e notícias de leitores.

Três perguntas ao governador Mangabeira

A campanha já se devia ter iniciado - Último ato de confiança na solução do acordo inter-partidário

... a campanha eleitoral e a situação política em Pernambuco.

... a importância da participação popular e da transparência.

Removido de Buzios gest o cargo de Mendonça

... a remoção de Mendonça de Buzios e a consequente mudança de gestão.

Aumento da t sobre prêmio dos se

... o aumento da taxa sobre o prêmio dos seguros e a consequente redução da taxa de juros.

Vozes da Cidade

... notícias e comentários locais.



Carlos Lacerda e a Tribuna da Imprensa

Quando Carlos Lacerda, jornalista, em 27 de dezembro de 1949 lançou a *Tribuna da Imprensa*, já carregava uma vasta bagagem no mundo da política, com uma posição consolidada: a de oposição, sempre. Conhecido como um dos maiores oradores da história do país, Lacerda soube muito bem usar o dom nato da comunicação ao seu favor. Suas palavras despertavam paixão e ódio, o que lhe garantiu ser apontado como “demolidor de ídolos”. E os repórteres se deixavam contaminar pelas idéias propaladas nas páginas, tendo Lacerda como, além de patrão, um símbolo. Conta o jornalista Stefan Baciú, à época redator internacional da *Tribuna da Imprensa*:

Tínhamos confiança naquilo que costumava ser chamado de “um Brasil melhor” e nossas esperanças estavam postas, naturalmente, em Carlos Lacerda, a quem eu ainda não tinha tido a oportunidade de ser apresentado. Via-o chegar e partir, quase sempre carregando uma pasta ou um maço de jornais e papéis. Entrava na redação como um vendaval: jogando o paletó sobre uma cadeira, arregaçava as mangas da camisa, desfazia o nó da gravata e começava a escrever na primeira máquina que encontrasse, sem abrir a porta sempre fechada de seu gabinete, que dispunha de um modesto aparelho de ar-condicionado.⁴⁷

Com o claro objetivo de divulgar suas idéias através do jornal, Lacerda usou de um grande instrumento de mobilização popular no lançamento do periódico. Ele vendeu ações do título, que podiam ser compradas por qualquer cidadão, que assim sentia-se “dono” do título e aceitou doações de adoradores políticos, conhecidos como lacerdistas.

47. BACIU, Stefan. Lavradio. *98 histórias de um jornal de oposição*.

O periódico abraçou grandes causas, promovendo campanhas como a de denúncias de corrupção para proteger a zona de prostituição no Mangue, contra o então prefeito Mendes de Moraes e a mobilização *Ajuda teu irmão*, para auxiliar os flagelados do Nordeste que enfrentavam seca cruel.

Carlos Lacerda foi um grande professor para nós todos na *Tribuna*. Houve um determinado momento em que o Carlos reuniu o que havia de melhor no jornalismo aqui no Rio de Janeiro. Todos jovens, sonhadores, entusiasmados.⁴⁸

O fascínio exercido por Lacerda sobre a equipe da *Tribuna* ia além de seu discurso ideológico. Jornalista de mão-cheia, ele começou a trabalhar com apenas 16 anos no *Diário de Notícias*. Dominava a língua portuguesa e sabia usá-la com exatidão.

Nunca hei de esquecer das aulas de jornalismo ministradas por Carlos Lacerda. Um dos seus tópicos prediletos era aquele de “escrever bem”, sempre evitando lugares-comuns e frases feitas, como “voraz incêndio”, “feroz leão” ou “pequena multidão”. “Se é multidão”, argumentava ele, de lápis em punho e com um sorriso irônico nos lábios, “então não pode ser pequena”. Como naquela época o pintor Augusto Rodrigues tivesse organizado uma “escolinha de arte”, um dos repórteres chamou as aulas de Lacerda de “escolinha do Carlos”. Creio, entretanto, que nenhum de nós saiu da “escolinha” sem aprender pelo menos uma coisa nova, útil ou interessante.⁴⁹

Lacerda fez de Getúlio Vargas seu alvo principal. E das matérias de denúncia, sua lança. O lema “Um jornal que pensa o que diz porque diz o que pensa”, publicado diariamente na primeira página, abaixo do título, dava o tom. No clima de guerra, o prédio na rua do Lavradio 98

48. MELO FILHO, Murilo. Depoimento ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.

49. BACIU, Stefan Op, cit.

funcionava como redação e quartel-general do líder. Na empresa, o político cercava-se de parentes, como o irmão, Maurício Lacerda, médico, e o cunhado, Odilon Lacerda Paiva, supervisor da gerência. O ponto de encontro era o tradicional bar do Darcy, onde todos os jornalistas se reuniam depois do fechamento.



Arquivo da Biblioteca Nacional

27/12/1949: O jornal *Tribuna da Imprensa*, criado por Carlos Lacerda, serviu de arma para a derrota do inimigo político Getúlio Vargas.

Vinham ainda ao bar do Darcy, quase como conspiradores, muitos oficiais à paisana. Lembro-me como se fosse ontem das visitas do general Juarez Távora. Também me lembro da visita do famoso craque de futebol Ademir Menezes, outro "lacerdista doente", que chegava, quando era o caso, para solidarizar-se com nosso diretor, costumando contribuir com dinheiro para suas campanhas cívicas.⁵⁰

Acolhedor com as pessoas que o apoiavam, Lacerda ditava as regras de forma rígida na empresa. A linha editorial lacerdista nada tinha de fle-

50. Id. *ibid.*

xível. Tanto que alguns jornalistas contratados ou saíam em pouco tempo ou sequer aceitavam o convite para fazer parte da empresa. A mão de Lacerda era pesada e todos os seus empregados deviam viver debaixo dela.

Nesse sentido, podia-se criticar o fato de que, às vezes, bons profissionais convidados para aquele cargo não estavam integrados no "espírito da casa". Creio que posso dizê-lo, por haver sido sempre "mais católico do que o Papa" quando se tratava da "linha do jornal."⁵¹

Avesso a costuras políticas do dia-a-dia, Lacerda não gostava de detalhes, conversas pequenas. Características que dificultariam seu desempenho como governador: ele nunca conseguiu unanimidade na Assembléia Legislativa, onde, literalmente, até tiros foram disparados durante sua gestão à frente do estado. Em contraponto, o político incendiário gostava de abraçar as grandes questões. Como deputado, muitas vezes usava a tribuna para debater assuntos internacionais, expondo suas opiniões. O jornal por ele comandado seguia os mesmos passos.

A infiltração soviética no regime do coronel Jacobo Arbens Gryzman, da Guatemala, a ditadura policial de Fulgêncio Batista y Zaldivar (a quem eu costumava chamar de "Don Fulge") e, mais tarde, a soviética de Fidel Castro em Cuba – todos os tiranos e caudilhos latino-americanos foram combatidos na "velha tribuna". Por vezes o próprio Carlos Lacerda intervinha no debate, como foi o caso da Guatemala, quando escreveu uma série de importantíssimos comentários cujo valor foi imediatamente compreendido tanto no Brasil como no exterior.⁵²

Em 1950, Getúlio Vargas ganha as eleições para presidente da República, derrotando o candidato das chamadas forças democráticas, o brigadeiro Eduardo Gomes.

Alegando que o povo brasileiro "votara certo no homem errado", Carlos Lacerda iniciou uma campanha

51. *Id. ibid.*

52. *Id. ibid.*

política de caráter nacional visando à redemocratização do país e a moralização da vida pública brasileira. Uma campanha que fez dele não apenas o mais popular “demolidor de ídolos”, mas também porta-voz da reconstrução moral do Brasil. Eram discursos e artigos publicados pela *Tribuna da Imprensa*, escritos com um fogo e paixão que eu nunca tinha visto iguais.⁵³

Além de Vargas, Lacerda iniciou uma disputa com Samuel Wainer, dono do jornal *Ultima Hora*, que apoiava o presidente em sua linha editorial. A *Tribuna da Imprensa* divulgou matérias acusando Vargas de, através do Banco do Brasil, conceder empréstimos ilegais para o jornal.

Nós estávamos em agosto de 1953, quando um repórter, certo dia, como quem não quer nada, e sem dar importância ao fato, chegou na *Tribuna* dizendo que o procurador do Banco do Brasil, Herófilo Azambuja, tinha sido designado interventor na *Ultima*



Arquivo da Biblioteca Nacional

28/12/1949: Carlos Lacerda, conhecido pela forte oposição ao governo, faz da primeira página da *Tribuna da Imprensa* a marca registrada de sua batalha para chegar ao poder. As críticas atingiam do presidente ao prefeito.

53. Id. *ibid.*

Hora para fiscalizar o dinheiro que o Banco do Brasil havia dado para fundar o jornal. Carlos Lacerda, naquele entusiasmo, naquela coisa, mandou dar a notícia em manchete de primeira página. Dois dias depois, a *Ultima Hora* apareceu com aquele repórter na sua primeira página, com Samuel Wainer, João Etcheverry e Otávio Malta em volta, dizendo que tinha sido obrigado pelo Carlos Lacerda a forjar aquela notícia. Isso desmoralizava a *Tribuna da Imprensa*, porque nós éramos chamados de forjadores de notícias falsas. A *Ultima Hora* garantia que não tinha nada que ver, que aquele procurador não estava lá. E Carlos Lacerda começou a insistir que a notícia era verdadeira.

Por minha iniciativa, fui então à rua Gomes Carneiro, em Ipanema, ao edifício onde morava o procurador Herófilo Azambuja. Perguntei ao porteiro pelo procurador, ele disse: "Faz quatro meses que o Dr. Azambuja está em Porto Alegre e não vem ao Rio". Voltei para a *Tribuna* e disse: "Carlos, o repórter mentiu a todos nós. Ele inventou essa notícia para depois ir à *Ultima Hora* dizer que tinha sido obrigado por nós a forjá-la". Nós estávamos muito desmoralizados. Fomos para Petrópolis, lá para aquela casa que o Carlos tinha na serra, lembro demais disso, estávamos no carro eu, ele, o cunhado, Odilon Lacerda, casado com a irmã dele, e o Carlos disse: "Olha, Murilo, nós não temos mais nada a perder, vamos cair de pau nessa gente. Agora, ou vai ou racha".⁵⁴

A guerra de tinta e papel crescia a cada manchete. Matérias com denúncias, artigos apaixonados de ambos os lados, editoriais contundentes. Em vez do exército militar, que viria anos depois a exercer o poder, a batalha entre Lacerda e Getúlio era vivida por soldados jornalistas.

Sabia-se que o primeiro visado pela violência seria Lacerda. Contra a sua pregação cívica desencadeou-se uma campanha de ódios, tanto nas páginas da *Ultima*

54. MELO FILHO, Murilo. Depoimento ao CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas.



Internet

Carlos Lacerda.

Hora como nas de alguns outros jornais. Os “estado-novistas”, negociastas e especialmente os comunistas lançavam as piores calúnias. Foi quando criaram o apelido “corvo”. Além da *Ultima Hora*, a campanha anti-Lacerda era mantida em *O Radical* e na *Gazeta de Notícias*, jornal que outrora gozara fama e que estava, então, em franca decadência. E tanto no *Radical* como na *Gazeta* pregava-se abertamente a violência física contra Lacerda, num estilo, creio, jamais alcançado pela imprensa carioca.⁵⁵

A situação piorou quando Carlos Lacerda sofreu um atentado, perto de sua casa, em Copacabana. Um representante da Marinha, o major Rubens Florentino Vaz, responsável pela segurança de Lacerda, morreu, e o deputado acabou ferido. Os militares, responsáveis pela apuração do

55. BACIU, Stefan. Op. cit.

caso, chegaram ao principal suspeito da autoria do crime, Gregório Fortunato, homem de confiança de Vargas. A revelação causou escândalo.

Começava então uma agitação maior do que a normal. Alguns repórteres examinavam seus revólveres; bobinas de papel eram estrategicamente colocadas na porta, para impedir a subida dos atacantes. Nas oficinas, os gráficos preparavam pedaços de ferro e de madeira como armas, enquanto alguns repórteres iam para a rua do Lavradio servir na incômoda missão de olheiro, pois, em caso de perigo, seriam as primeiras vítimas.⁵⁶

A campanha da *Tribuna da Imprensa* deu certo. Depois de ser bombardeado com uma série de denúncias sobre seu governo, Getúlio Vargas se suicidou, deixando em sua carta-testamento a frase que se tornou ícone de sua trajetória: “Deixo a vida para entrar na história”.

Foi praticamente a *Tribuna da Imprensa* que derrubou o Getúlio em 54, com o apoio do *Correio da Manhã*, do *Diário Carioca*, do *Diário de Notícias* e de Chateaubriand, nos *Diários Associados*. Getúlio só tinha um jornal que o apoiava, a *Última Hora*. Todos os outros eram contra. A imprensa exercia uma influência muito grande sobre o governo.⁵⁷

A população, até então persuadida a condenar Getúlio por causa dos escândalos, emocionou-se com o fim do líder. E a revolta caiu sobre os principais inimigos do presidente. Entre eles, Carlos Lacerda e a *Tribuna da Imprensa*.

Em 1961, Carlos Lacerda, governador recém-empossado da Guanabara, vendeu a *Tribuna da Imprensa* para Manuel Francisco do Nascimento Brito, proprietário do *Jornal do Brasil*. A linha editorial manteve-se de oposição ao grupo representante dos ideais de Getúlio Vargas e alinhada à visão de Lacerda. A direção do jornal coube a Mário Faustino e Paulo Francis. O filho de Lacerda, Sérgio, permaneceu na redação.

Depois da venda do jornal, Lacerda continuou sua disputa eleitoral, sempre com a clara finalidade de chegar à presidência da República. Para isso, aliou-se aos militares no momento do golpe, e,

56. BACIU, Stefan. Op. cit.

57. MELO FILHO, Murilo. Depoimento ao CPDOC, da FGV.

depois, ao perceber que não seria elevado ao cargo, iniciou mais uma vez a resistência. Segundo a historiadora Marly Motta, sua posição começou a mudar quando, em 8 de junho de 1964, o ex-presidente e então senador Juscelino Kubitschek foi cassado pelos militares. O político então percebeu que este era o primeiro passo “para a prorrogação do mandato de Castelo Branco”:

Este governo não tem feito outra coisa senão bobagem. São erros em cima de erros. A começar pela equipe administrativa, que marca a primeira decepção da Revolução. Depois, as listas de cassação, organizadas sem critério, sem ordem, sem a menor orientação. (...) Daqui para frente, tudo será frustração e, mais do que isso, confusão e tumulto”.⁵⁸

Esquecendo-se do passado, Lacerda buscou e conseguiu até mesmo o apoio de Jango. Tarde demais. Depois de cassado no governo Costa e Silva, o jornalista foi perdendo gradativamente a força. E nunca mais o Estado do Rio seria palco das mais calorosas discussões políticas, em que eram decididos os rumos da nação.

A fusão ajudou muito a desqualificar o Rio, não sei por quê. Foi uma coisa realmente muito misteriosa. Agora, tem-se que reconhecer que o Lacerda era o Lacerda, era a atuação dele no governo Jânio, na derrubada do Jango, depois no governo Castelo. Até que ele começa a ser descartado e depois é cassado. Lacerda acaba politicamente no governo Costa e Silva, quando é cassado. Era o Lacerda quem esquentava a mobilização política no Rio de Janeiro, quem sempre criava uma crise. Depois, o Rio passou a ter governadores politicamente acomodados: Chagas Freitas, Faria Lima – foi até um bom governador, mas politicamente anódino, não tinha presença política nenhuma. Marcello Alencar, por exemplo, era muito ligado, era do partido do presidente da República, mas não tinha status de liderança nacional. A oposição no Rio também é muito fraca. Não existe um grande nome de oposição aqui.⁵⁹

58. *Tribuna da Imprensa*, em seu primeiro editorial com críticas ao governo militar, em 16/6/1964.

59. CORRÊA, Villas-Boas. Entrevistas aos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

UMA SURRA EM REGRAS

BARRETADA ESCANDALOSA DO EX-PREFEITO HENRIQUE DODSWORTH, QUE MÃO DEU COISA ALGUMA A CIDADE FIEL DA DITADURA, AGORA TRANSFERIDO PARA OS BRACOS DO GENERAL EURICO DUTRA, DEVE SER CHAMADO A PRESTAR ESCLARECIMENTOS

O POVO ADQUIRE, AFINAL, A CONSCIÊNCIA DA SUA SOBERANIA

A lição que surpreendeu os sobas do governo, a «LEÇA», o general Góis Monteiro e outros

EDUCAÇÃO DAS 2 BORGAS DA TARDE



A NOTICIA

Director: CRISÓSTOMO VIEIRA

Publicado pela editoração em ANA LIXO Rua de Janeiro, 100 (de frente para a 1934) No. 3.400

Retirado

do «hall» da estação D. Pedro II
o busto do sr. Getúlio Vargas

o sr. Alexandre Pires Ferreira teria mandado transferir para o busto do sr. Getúlio Vargas

«A GUERRA»
a crise em que se a
— Casado maluco
— Chapele a capital



MAN VAI FAZER DECLARAÇÕES SENSACIONAIS
estudo americano não acredita
grava-se seja inevitável
do seu discurso comemorativo
da Carta das Nações Unidas

PARA UM GOVERNO DE COALIZÃO EM SÃO PAULO

enviada a assembleia do partido republicano e o colégio eleitoral

Com o sr. Ademar de Barros o primeiro encontro político do sr. Getúlio Vargas

Partido da direita e sr. Ademar de Barros — Tal-
ditados também pelo sr. Ademar de Barros —
Góis e Gilvânia Salgueiro

RESULTADO OFICIAL DA APURAÇÃO EM TODO O PAIS

Não as 12 horas de hoje

PARA PRESIDENTE DA REPUBLICA

Getúlio Vargas	2 026 033
Brigadeiro Eduardo Gomes	957 003
Graciliano Machado	667 090
João Mangabeira	7 476

PARA VICE-PRESIDENTE

Sato Filho	1 017 070
Odilon Braga	803 190
Alfonso Araoz	526 928
Vilgino Freire	196 824



«VOCE JUDIOU MUITO COMIGO»
A frase de D. ZULMIRA GALVÃO SUZUKI
Desesperado, no Posto Secreto, o estado
Tive caráter pessoal a tragédia — Signi-
Importantes depoimentos de dois empregados
Pública a instaurar inquérito

MAIS DE UM MIL

A votação de sr. Getúlio Vargas em



«Record» exemplar da 13. Junta

Quinta do século-leve encerrados os seus trabalhos, encante-se sobre os seus trabalhos de sua vida

Encantado de sua vida em geral. — Encantado de sua vida em geral. — Encantado de sua vida em geral.

O registro da candidatura de sr. Getúlio Vargas

Não substituído pelo

Regressou o criador da albr

Regressou o criador da albr
Encantado de sua vida em geral

A imprensa e a política

O duelo travado diariamente entre as capas de jornais estendidas nas bancas ou anunciadas pelos pequenos jornalheiros nos anos 50 deixou marcas no inconsciente coletivo e no vocabulário do dia-a-dia. *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *A Manhã*, *O Radical*, *O Dia*, *O Popular*, *Diário de Notícias*: cada título era palco de grandes denúncias, ataques e defesas.

A referência de crise política que temos até hoje foram os anos 50. Hoje se fala que a CPI é chapa-branca. Mas poucas pessoas sabem que esse termo surgiu porque era referente à cor das placas de carros oficiais. Antigamente, as placas dos carros tinham três cores: vermelho para os táxis, amarelo para os veículos comuns e branco para carros oficiais. Chapas-brancas eram os antigos oposicionistas que viraram governistas. Quando Getúlio foi reeleito em 50, convidou vários udenistas para compor seu governo. Depois, Juscelino fez a mesma coisa. E os que entraram assim como deputados de oposição que votavam com o governo, eram chamados chapa-branca. Isso mostra como os anos 50 até a ditadura foram de ebulição e ficaram na memória.⁶⁰

Segundo Marly, as relações entre jornalismo e política não podem ser vistas apenas do ponto de vista meramente pragmático, em que o jornal é apenas usado como uma alavanca para a carreira política.

A política e o político também abastecem o jornal, a venda do jornal e a carreira do jornalista. Costumo interpretar como caminhos cruzados. E é uma tradição

60. MOTTA, Marly. Entrevista para os CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

que remonta ao início do século XX, principalmente no caso da cidade do Rio. Esse cruzamento é muito comum: muitas carreiras políticas começam com jornalistas, como o senador Irineu Machado, um importante jornalista do *Correio da Manhã*. Para se entender um, tinha de conhecer o outro. O jornal não serve de maneira subserviente aos interesses políticos. Dependendo do jornal e do político, essa relação pode ser mais pragmática, mais direta, ou menos direta.

Depende também do período. Há períodos em que o jornal de fato se cola na carreira do político, como a *Tribuna da Imprensa* no período da crise de Vargas, em relação ao Lacerda. Mas, em outros períodos, essa simbiose não é total. Mesmo porque, um jornal precisa ter sustentação financeira própria. É uma empresa que precisa de leitores, anunciantes, um interesse empresarial.

Nos anos 50, a questão da importação do papel era fundamental para o jornal. Como a *Tribuna da Imprensa* era um órgão de oposição a Vargas, poderia ter dificuldades na importação. Lacerda cansava de acusar Vargas de dificultar essa tarefa, no intuito de prejudicá-la e, em contrapartida, favorecer a *Ultima Hora*, do Samuel Wainer, um jornal governista. São relações complexas.⁶¹

Para a pesquisadora, jornais e leitores mudaram ao longo do tempo, tornando falida a fórmula do uso político direto de jornais para arregimentar eleitores:

Eu acho que mudaram o público e os jornais. Houve uma revolução tecnológica muito grande, parques gráficos foram brutalmente submetidos à modernização, o que significa investimentos muito altos. É muito difícil ter apenas uma pessoa, um dono, que é um político

61. Idem.

também, e portanto não pode se dedicar empresarialmente ao jornal.

Antigamente, os investimentos necessários não eram de tal monta como hoje. Não há condição de haver um político que se dedicaria mais à política do que ao jornal, fazendo dele uma mera expressão de seus interesses. Os investimentos são muito altos, e jornais que não tenham um bom parque gráfico tendem a perder leitores, anunciantes e espaço. Progressivamente, todos os jornais que estavam conectados a políticos não conseguiram sobreviver.

Há também, por parte do cidadão, uma não-aceitação dessa identificação tão profunda entre o jornal e o político. Há uma rejeição nessa relação tão estreita. E o jornal que insistir em se confundir assim não tem espaço no campo intelectual. O jornal está se construindo em um espaço "neutro". A imprensa tem um alto índice de confiança da população, ela aposta na "neutralidade" daquele espaço. Isso seria impossível se o dono do jornal fosse um ator político relevante como Chagas, Tenório e Lacerda. Esse jornalista muito colado à figura de políticos é um fenômeno localizado no tempo.⁶²

Além da mudança do jornal e do leitor, os anos 50 foram para o Brasil uma fase singular na história política, marcada pela efervescência dos acontecimentos e as grandes paixões. A opção política era levantada como uma bandeira, e a sociedade dividia-se em rótulos: chaguista, janguista, lacerdista... Só não havia espaço para o não-posicionamento.

Nos anos 50 e 60, o jornal era um ator político. Isso mudou. Na rua, meu pai, um trabalhador de comércio, nível primário de escolaridade, petebista, janguista, lia a *Ultima Hora*. Jamais compraria a *Tribuna da Imprensa*, do Lacerda.

Quando você escolhia o jornal na banca, já estava dizendo qual era a sua posição política. Eu fui socializada pela *Ultima Hora*, aí sim existe uma formação política pela leitura deste jornal, o que hoje não acontece. As pessoas fazem assinatura de vários jornais e buscam diferentes posições de analistas políticos, das mais variadas tendências. Você pode numa página ler três posições diferentes, que não têm nada a ver com a posição do jornal.⁶³

O jornalista Villas-Bôas Corrêa explica que, além do crescimento das empresas de jornalismo, o distanciamento entre os donos de jornal e as redações fez diminuir a influência política sobre a linha editorial. Lembra ser cada vez mais rara a existência de jornais conduzidos por jornalistas, o que, segundo ele, faz uma grande diferença no resultado final do produto. Aponta ainda o crescimento das empresas jornalísticas, na época do “milagre brasileiro” e a mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília como geradores das transformações na cobertura política.

O diretor de jornal, no meu tempo, era o jornalista. Praticamente. Uns mais introspectivos, outros menos. Os Mesquita, no *Estadão*; os Frias, na *Folha*. Aqui no Rio, no *Correio da Manhã*, Edmundo Bittencourt. Nos *Associados*, Chateaubriand. No *Diário Carioca*, Horácio de Carvalho, que não era propriamente jornalista, mas dava plantão na redação. Mas o jornal virou empresa. Esse é um negócio que acontece, a meu ver, muito embalado pelo milagre brasileiro. Antes, funcionavam todos em instalações modestas. A *Notícia* funcionava num conjunto de salas. O *Globo*, num sobrado modesto. Não eram empresas poderosas.

A mudança para Brasília mudou inteiramente a cobertura política. A cobertura do meu tempo acabou. Depois vieram os 20 anos de ditadura militar, com centralização absoluta. Depois veio o choque do petróleo e

a crise. Na hora da crise, vamos "enxugar", e como "enxugaram"? A receita foi decidida pelos comandos centrais das redações, cortaram as sucursais. Acabou. Não havia muito mais notícia política, num estado cada vez mais subordinado ao governo.

Quem é o diretor do jornal hoje? *Folha e Estadão* são exceções. Aqui no Rio, esses filhos do Roberto Marinho são jornalistas? Que matérias eles já escreveram?

Eu costumo dizer: se você quiser se esconder de um diretor de jornal, fica numa redação, porque lá ele não vai. Quando cheguei no *Estado de S. Paulo*, o gabinete do velho Júlio tinha uma porta enorme aberta. E ele sempre andava pela redação. Os três filhos trabalhavam em mesas em frente a ele, os caras estavam aprendendo.⁶⁴

Villas-Bôas Corrêa afirma que o grau de independência de um jornalista começa a crescer quando o repórter, em vez de apenas esperar as pautas distribuídas pela chefia, assume a postura de se pautar, trazendo para as páginas do jornal assuntos relevantes. Desde 1948 atuando em redações, ele diz que todos os veículos têm uma lista de nomes que devem ser poupados de críticas e denúncias, pessoas próximas dos proprietários dos veículos.

Cabe ao jornalista, dentro desses limites, lutar para realizar um trabalho sério e manter-se fiel à ética, recusando-se a escrever falsas notícias que beneficiem determinada figura pública, parte do grupo dos protegidos. Quem muito se agacha, o rabo aparece. Cada jornal tem as suas tendências, as suas múmias. Por exemplo, na *Manchete*, se você quisesse ser demitido, era só fazer alguma crítica a Juscelino. Era difícil respeitar isso? Acho que não. Se havia alguma coisa que eu achava nobre no Bloch era aquela relação de estima pelo Juscelino, que já estava um bagaço. Ele nunca me pediu para elogiar, que eu acho ser esse o grande peri-

64. CORRÊA, Villas-Bôas. Id.

go. Mas respeitar os tabus dos jornais faz parte. Como disse Chateaubriand: "Se você quer escrever o que quer, faz isso no seu jornal. No meu, não".

Essa linha é muito sutil e depende muito de cada um. Imagine se um repórter, no meio de uma crise, vai fazer uma entrevista pensando se aquilo agrada ou desagradava o jornal? Hoje a influência está sutil porque os diretores de jornal não entram nas redações. Você vê mais a linha editorial na página de opinião. Eu não leio. Porque se você lê, dá vontade de contrariar. Ou se for mau caráter, vai querer seguir aquilo para subir rápido.⁶⁵

Segundo o historiador Israel Beloch, o uso do jornal ligado diretamente a atividades políticas está limitado ao Nordeste e às regiões do interior do país:

Os grandes jornais da capital não são mais diretamente vinculados a um político. No interior ainda existe muito isso, ou nas capitais do Nordeste. Esse mecanismo também se transferiu para rádios e TVs. A política ficou num nível mais profissional, menos individualista.

A neutralidade não existe, os jornais têm suas posições ideológicas e de interesses privados. Muitas vezes, um jornal faz acordos com o governo para amenizar o tom, por interesse. Além disso, os veículos têm uma postura ideológica em relação à economia.⁶⁶

Já o historiador Mário Gryspan aponta o senso crítico dos leitores como um dos motivos que condenou a fórmula. Para ele, o posicionamento aberto do jornal a favor de uma única força faz dele um produto rejeitado:

Temos hoje um jornalismo cada vez mais independente da atuação política. Foi uma fórmula que funcionou durante um momento, mas hoje não apresenta a

65. *Idem.*

66. BELOCH, Israel. *Id.*

mesma eficácia. Mudou o público, mudaram os jornais. Estes têm um esquema mais empresarial, que torna mais difícil esse tipo de uso. Ainda existe a manipulação da imagem, como aconteceu na disputa do Lula com o Collor. Mas não de uma forma tão aberta, como Tenório fez com a *Luta*. E o público também não compra mais qualquer coisa, ele está mais crítico.⁶⁷

Com o fim da trajetória destes políticos e suas ligações com os jornais, encerra-se um momento único na história da Comunicação do país. Momento que, analisado e refletido, em seus erros e acertos, pode apontar o caminho mais transparente e isento para a prática do jornalismo.

67. GRYSZPAN, Mário. Entrevista aos CADERNOS DA COMUNICAÇÃO.

Bibliografia

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. História da imprensa brasileira. 4ª ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.

BELOCH, Israel. *Capa preta e Lurdinha*. Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

CAMPOS, Theresa Catharina de Góes. *Jornalistas nas lutas políticas brasileiras*. In: Artigos ABN Notícias, 27/11/2002. Agência Brasileira de Notícias. (<http://abnn.com.br/arttheca6jorn.htm>)

CAVALCANTI, Sandra Tenório. *Tenório, meu pai*. O homem da capa preta. São Paulo: Global, 1986.

DINES, Alberto (org.). *100 páginas que fizeram história*. Grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos. São Paulo: LF&N, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Crônica política do Rio de Janeiro*. Depoimentos de Barbosa Lima Sobrinho, Villas-Bôas Corrêa et al. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Col. Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001.

_____. et al. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2004.

SARMENTO, Carlos Eduardo (org.). *Chagas Freitas*. Perfil político. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

SILVA, Arlindo. *Memórias de Tenório Cavalcanti* (série de reportagens). Revista O Cruzeiro, 12 set./12 dez. 1953.

SIQUEIRA, Carla. *O sensacional, o popular e o populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática, no segundo governo Getulio Vargas (1951-1954)*. Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte, 2-6 set. 2003.

SOUZA, Cláudio Mello e. *Impressões do Brasil*. A imprensa brasileira através dos tempos – rádio, jornal e TV. São Paulo: Grupo Machline, 1986.

VALÉRY, Paul. *Regards sur le monde actuel et autres essais*. Paris: Éditions Gallimard, 1945. p. 34.

Sobre as imagens de abertura

Página 12 – Proclamação da República, em 15/11/1889, na Praça de Aclamação, hoje Praça da República. (Foto: internet)

Página 34 – 9, 10 e 11/6/1976: As manchetes da *Luta Democrática*, sensacionalistas, denunciavam as mazelas do poder público com uma linguagem irreverente que cativava seus leitores. (Foto: arquivo da Biblioteca Nacional)

Página 46 – 2/8/1967: A morte da atriz Luz Del Fuego, com a foto do corpo encontrado, tratada de forma sensacionalista na capa do jornal *O Dia*. No fim da página, um assunto envolvendo religião, fórmula adotada pelo diretor de jornalismo, Othon Paulino. (Foto: arquivo da Biblioteca Nacional)

Página 66 – 28/12/1949: Carlos Lacerda, conhecido pela forte oposição ao governo, faz da primeira página da *Tribuna da Imprensa* a marca registrada de sua batalha para chegar ao poder. As críticas atingiam do presidente ao prefeito. (Foto: arquivo da Biblioteca Nacional)

Página 76 – 10/10/1950: O jornal *A Notícia*, agora propriedade de Ademar de Barros e Chagas Freitas, ataca o ex-prefeito Henrique Dodsworth. Na primeira página, a divulgação do encontro político de Ademar com Getúlio Vargas, eleito presidente. (Foto: arquivo da Biblioteca Nacional)

Este livro foi composto em Garamond, corpo 11/14, títulos em Compacta, corpo 19, e legendas em GriffithGothic-Light, corpo 7/7. Miolo impresso em papel offset 90g/m² e capa em cartão supremo 250g/m² na Imprensa da Cidade em agosto de 2005.